

2008

nº 11-12/ novembro-dezembro

dma

da mihi animas

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA



diálogo entre religiões



da mihi animas

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma RM

tel. 06/87.274.1

fax 06/87.13.23.06

e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi

Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana – Julia Arciniegas – Mara Borsi – Piera Cavaglià – Maria Antonia Chinello – Emilia Di Massimo – Dora Eyllenstein – Laura Gaeta – Bruna Grassini – Maria Pia Giudici – Palma Lionetti - Anna Mariani – Cristina Merli – Maria Helena Moreira – Concepción Muñoz – Adriana Nepi – Maria Luisa Nicastro – Louise Passero – Maria Perentaler – Loli Ruiz Perez – Rossella Raspanti – Lucia M. Rocés – Maria Rossi.

Tradutoras

francês – Anne Marie Baud

japonês - inspetoria japonesa

inglês - Louise Passero

polonês - Janina Stankiewicz

português – Maria Aparecida Nunes

espanhol - Amparo Contreras Alvarez

alemão - inspetorias austríaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice - 00139 Roma – Via Ateneo Salesiano, 81 – c.c.p. 47272000 – Reg. Trib. Di Roma n. 13125 del 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96 – Filiale di Roma – n. 3/4 marzo-aprile 2008 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide, 11 – 00181 Roma.

Traduzida para a Língua Portuguesa

nº 11-12_ novembro-dezembro_2008

Sumário

Editorial	<i>Temos palavras em comum</i>	4
Dossiê	<i>Diálogo com as religiões do mundo</i>	5
 Primeiro Plano: Aprofundamentos <i>bíblicos, educativos e formativos</i>		
<i>A Lâmpada</i>	<i>Compartilhar e agir</i>	10
<i>O Evangelho na vida</i>	<i>Uma noite com os pastores</i>	11
<i>Diálogo</i>	<i>Testemunhas do diálogo</i>	13
<i>Fio de Arianna</i>	<i>A partir do diferente</i>	14
 Em busca: <i>Leitura evangélica dos fatos contemporâneos</i>		
<i>Cooperação e desenvolvimento</i>	<i>Ninguém excluído</i>	21
<i>Direitos humanos e vida consagrada</i>	<i>Tens compaixão de todos</i>	22
<i>Foto Click</i>	<i>Suas fotos mais belas</i>	25
<i>Polis</i>	<i>Reflexões sobre o bem comum</i>	27
 Comunicar: <i>Informações, notícias, novidades do mundo da mídia</i>		
<i>Jovens.com</i>	<i>P2P: O fruto proibido</i>	28
<i>O Ponto</i>	<i>Diálogo contra toda violência</i>	30
<i>Estante Sites</i>	<i>Resenha sites Web</i>	31
<i>Vídeo</i>	<i>O caçador de pipas</i>	32
<i>Estante</i>	<i>Resenha vídeos e livros</i>	34
<i>Livro</i>	<i>Apenas os meninos estavam a caminho</i>	36
<i>Camilla</i>	<i>Uma simples ciranda</i>	38

Temos palavras em comum

Giuseppina Teruggi

“... Neste magnífico planeta do qual todos somos responsáveis há lugar para todos, mas não há lugar para as guerras e para aqueles que matam os próprios semelhantes”. Com estas palavras Bartolomeu I, Patriarca ecumênico de Constantinopla, concluiu sua intervenção no Parlamento Europeu, no último dia 24 de setembro. Falou da “necessidade do diálogo entre as crenças religiosas e as culturas para construir um ecúmeno de paz”. Corajosamente abordou a questão do fundamentalismo e do nacionalismo extremista, frequentemente estopim de atrocidades, ao qual se contrapõe o diálogo inter-cultural como raiz do significado de “ser humano”. Na falta de tal diálogo, afirmou, as diferenças na família humana se reduzem ao “uso” do outro. Por isso, Bartolomeu I sustentou que é importante estabelecer uma profunda compreensão da interdependência de cada indivíduo com os outros indivíduos.

Nestes últimos anos, a linha do magistério da Igreja, por meio dos Papas e de muitos organismos eclesiais, tem oferecido numerosas contribuições e orientações sobre a urgência evangélica do diálogo entre as diversas religiões e profissões de fé. Emblemático o encontro de 1987, em Assis, presidido por João Paulo II com a participação de representantes de religiões de todo o mundo. Um encontro que deu origem a um “espírito” e que continua ainda hoje em uma “peregrinação comum, feita em conformidade com as diferenças, mas com o desejo de convergir, pacientemente, para a amizade e o amor recíproco”. A assembleia do CG XXII manteve presente a realidade do diálogo inter-religioso, considerado um sinal dos tempos e elaborou as reflexões feitas a este respeito nas inspetorias, no período de preparação. As sínteses contidas no “Instrumento de trabalho” revelam que em muitas partes do Instituto está-se iniciando uma programação pastoral sistemática para educar ao reconhecimento da interdependência entre os povos, para aceitar a realidade multi-cultural e multi-religiosa em que vivemos e chegar gradualmente a um diálogo na reciprocidade com irmãos e irmãs de crenças religiosas diferentes.

Temos um mandato como cristãs e como religiosas: não negligenciar a tarefa de anunciar o Evangelho, mas ao mesmo tempo estabelecer uma boa comunicação com todos e oferecer o testemunho de uma vida coerente. Nossa tarefa consiste em ser mulheres de comunhão, que saibam fazer-se ‘próximo’ no sentido evangélico e que tenham a capacidade ‘pentecostal’ de falar a linguagem do outro. Uma ótima forma de diálogo é a solidariedade espiritual: trazer à presença de Deus os irmãos e irmãs de uma outra fé, com suas preocupações, angústias, aspirações. A certeza que nos encoraja é a constatação de que é muito mais “aquilo que nos une do que o que nos divide”, e que temos muitas palavras *em comum* com cada ser humano, filho ou filha de Deus que é Pai de todas as suas criaturas.

gteruggi@cqfma.org

DOSSIÊ

Diálogo com as religiões do mundo

Anna Rita Cristaino

«As grandes religiões podem e devem desenvolver uma importante tarefa, pois, elas são capazes de construir pontes entre pessoas e povos. Sua força é frágil: nada tem a ver com a força das armas ou dos sistemas econômicos. É uma força que transforma o homem a partir de dentro para torná-lo imitador de Deus, do Deus justo e misericordioso». (Carlo Maria Martini)

O termo diálogo pode ter vários significados. Em nível humano é comunicação recíproca para atingir uma finalidade comum ou uma comunhão inter-pessoal. É uma atitude de respeito e de amizade que deveria entrar em todas as atividades que constituem a missão evangelizadora da Igreja. O termo diálogo indica também o conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas com pessoas e comunidades de outras confissões religiosas, para um conhecimento mútuo e um recíproco enriquecimento, na obediência à verdade e no respeito à liberdade.

A ruptura do diálogo provoca feridas profundas na humanidade. Todas as religiões falam de compaixão, paciência, fraternidade, e cada religião, se vivida na sua inteireza, deve levar a ações de paz. Mas, nos cenários da sociedade contemporânea, encontramos povos que fazem guerra em nome de um Deus dobrado ao seu desejo de poder e de domínio. Quando uma religião se torna uma ideologia, quando usa palavras e métodos ideológicos, então ela está perdida, torna-se destrutiva. Os atuais contextos multi-culturais colocam-nos diante de pessoas que professam religiões diferentes, muçulmanos, hebreus, budistas, hinduístas e tantas outras.

Em nossa tarefa educacional, sabemos que nos encontramos frente a frente com pessoas que têm um germe de bem e um sinal de Deus. A nossa relação com elas, o nosso amor, o nosso respeito por elas é a única linguagem que pode revelar-lhes quem é Deus para nós.

Frequentemente, porém, resvalamos em preconceitos e fáceis estereótipos. Conhecemos pouco as pessoas e o pouco que sabemos muitas vezes não apreendemos a partir delas, mas da releitura cultural dos nossos contextos.

Para além de todo fundamentalismo

Os fundamentalistas (e existem também entre os católicos) usam a religião, mas não a vivenciam, colocam-se a si mesmos no centro da própria religião. Amam somente a si mesmos.

O termo *tolerância* é frequentemente usado para indicar atitudes que levam a uma convivência pacífica, mas é preciso fazer algo mais. É preciso querer compartilhar a vida, a esperança, a colaboração. A compreensão recíproca é o único caminho para a paz.

Ocorre não se equivocar: o encontro não é com o Islã ou com uma religião, mas com homens e mulheres que pertencem a determinadas tradições religiosas para os quais esta pertença é um dos aspectos de uma identidade múltipla. "Caminhando lado a lado", vivendo uns ao lado dos outros, os cristãos são chamados, não a assumir atitudes defensivas ou agressivas, mas a saber criar espaços de vida e de acolhida em vista da edificação de uma sociedade não só multi-cultural e multi-religiosa mas inter-cultural e inter-religiosa. O empenho dos cristãos hoje é criar espaços comunitários a partir da capacidade de ser homens e mulheres de comunhão. O caminho de evangelização requer conhecimento do outro, da sua fé, capacidade "pentecostal" de falar a linguagem do outro, de fazer-

se próximo em sentido evangélico daqueles que se aproximam de nós fisicamente, demonstrando assim crer no único Pai de todos e reconhecer a fraternidade universal.

Perante o diferente pela língua, etnia, religião, cultura, usos alimentares e medicinais, antes de evangelizar ocorre aprender o alfabeto com o qual dirigir-se a ele, manifestando concretamente uma aproximação e uma simpatia "cordial". Pede-se hoje aos cristãos não negligenciar sua missão de anunciar o Evangelho, porém, este anúncio deve incluir uma boa comunicação, um comportamento transparente, uma prática cordial de escuta, de confronto, de abertura ao outro.

O anúncio cristão não deveria acontecer a todo custo, nem por meio de formas arrogantes, nem com uma ostentação de certezas que mortificam. Como recordava Inácio de Antioquia no início do II século: "O cristianismo é obra de grandeza, não de persuasão".

O desafio educacional

Como transmitir os valores da harmonia racial e religiosa? O ponto de partida deste desafio educacional é a formação ao respeito pelo outro, pelas suas idéias, sem considerá-lo nem melhor, nem pior.

Ir. Maria Isabel Espinosa, fma de Barcelona, que trabalha já há alguns anos com os jovens e as mulheres migrantes do Centro Social Domingos Solà da Obra Missionária *Ecumene*, oferece o seu serviço para ensinar a língua espanhola (castelhano, Catalão) e também para orientar como mover-se na cidade de Barcelona, pondo-se como mediadora cultural. Os jovens e as mulheres que encontram na maioria muçulmanos, mas há também Sikhs e Hindus. Diz ela: «O diálogo com aqueles que acreditam em alguma coisa diferente daquilo que eu acredito, faz parte da minha fé, do meu ser cristã. A sua religiosidade provocou em mim uma profunda reflexão sobre a minha fé em Cristo e uma vontade de segui-lo com mais entusiasmo e coerência. Em confronto com o diferente, a ignorância pode provocar rejeição e intolerância. A leitura do Corão ajudou-me a compreender mais os jovens e as mulheres muçulmanas, com suas peculiaridades, e a tratá-las com mais afeto e delicadeza. Tanto eles como nós devemos aprender a distinguir o essencial da mensagem das nossas religiões, purificando-as das tradições culturais que se sobrepuseram durante os séculos. Os meus alunos se regozijam quando comento com eles alguns trechos do seu livro sagrado e isto os abriu para aceitar e respeitar a Cruz, para escutar atentamente as passagens do Antigo e do Novo Testamento. Para mim esta aproximação existencial é determinante, desde que não se trata de falar da cultura e da religião, mas de acolher o outro que não pensa como eu, nem crê naquilo que eu creio e procurar compreender de que modo o que ele crê, o faz viver. Os homens podem em nome do amor empenhar-se juntos para alcançar um mesmo objetivo, santificá-lo, purificá-lo e lutar por ele».

O caminho da humanidade

O diálogo é um serviço necessário à humanidade. João Paulo II dizia que o ser humano é o caminho para a Igreja. Talvez possamos também dizer que o ser humano é o caminho para o diálogo inter-religioso, porque todas as religiões demonstram lealdade ao ser humano.

Podemos concluir com as palavras de Paulo VI que pedia à Igreja, e portanto também a nós «para dialogar, conversar, olhar com imensa simpatia para o mundo – multi-religioso e multi-cultural (ndr) – porque, mesmo que o mundo pareça estranho ao cristianismo, a Igreja não pode sentir-se estranha ao mundo, qualquer que seja a atitude do mundo para com a Igreja».

arcristaino@cqfma.org

Justiça e paz se abraçarão (1ª entrevista)

Ir. Ibtissam Kassis vive no Oriente Médio, terra e encruzilhada de culturas e religiões. Cristianismo, Hebraísmo, Islamismo, nestas nações, há muitos séculos buscam caminhos de diálogo e de paz.

A Inspeção do Oriente Médio compreende o Egito, a Jordânia, Israel, Líbano e Síria: como faria a descrição destes países?

A realidade multi-cultural e multi-religiosa do Oriente Médio é algo que sempre existiu. Basta abrir qualquer página da Bíblia para ler: Assírios, Arameus, Moabitas, Cananeus, Fenícios, Amonitas, Egípcios, Israelitas, e assim por diante. Hoje todos escutam nomes como: Sunitas, Xiitas, Druzos, Alawites, Curdos. Isto no Islã. Mas também: Católicos, Ortodoxos, Sírios, Gregos, Maronitas, Coptos, Caldeus, Armênios, Protestantes.

Todos estes grupos estão presentes no Oriente Médio com percentuais diferentes e contam-se 18 grupos étnicos e religiosos, tanto na Síria como no Líbano!

Todos somos considerados minorias perante a maioria Sunita. Para os sociólogos e os estudiosos das religiões comparadas, existe um Islã Egípcio, um Islã da Arábia Saudita, da Líbia, do Kuwait. As relações entre os diferentes grupos são muito influenciadas pela situação política. Uma realidade permanece verdadeira: mesmo quando as relações entre cristãos e muçulmanos eram tensas, as religiosas e os religiosos ficaram fora dessa luta, pois, há consciência clara e difundida de que são pessoas de Deus que tratam a todos com o mesmo amor e respeito.

Quais as perspectivas educativas e pastorais?

A inspeção sempre viveu e trabalhou neste contexto multi-cultural e multi-religioso. A relação com os jovens muçulmanos e com suas famílias foi sempre marcada pela simplicidade e pela amizade. As novas missionárias, ao primeiro impacto experimentavam uma certa desilusão por não poder falar abertamente de Jesus. De vez em quando são ministrados cursos, conferências em vista de um melhor conhecimento da realidade do Islã e da mentalidade dos nossos destinatários. A partir do Capítulo Geral XX, estimuladas pelo longo discurso: "Na escuta das diferenças", nós e toda a comunidade educativa empenhamo-nos para criar uma nova mentalidade de aceitação das diferenças. Estamos conscientes de que o caminho iniciado exige atenção e constância a fim de purificar a memória e criar novas mentalidades evangélicas em todos os níveis e em todas as pessoas envolvidas na educação.

É óbvio que a acolhida do diferente não seja compreendida e vivida por todas do mesmo modo. Uma certa mentalidade pagã continua a fomentar escolhas e atitudes: "assim como nos tratam, nós os tratamos", "por que acolhê-los quando eles nos rejeitam?".

A situação política e social continua a constituir um forte condicionamento como também a pouca consciência da nossa identidade de cristãos e de Filhos de Deus.

Sobre o quê se funda a sua proposta formativa?

É importante redescobrir as raízes da nossa identidade cristã. Devemos ter consciência de que o cristão tem a sua razão de ser na pessoa de Cristo e em nenhum outro, à sua luz devemos ler a realidade humana, histórica e social.

A nossa fé não se liga a uma teoria, mas a uma pessoa que se encarnou em nossa história. Jesus ensinou o amor gratuito como medida e referência para cada ato humano. Em consequência,

somente a nossa fidelidade a Cristo nos habilita a entrar em diálogo com os nossos irmãos muçulmanos. Ser, em tudo o que fazemos, um evangelho vivo que testemunhe Cristo.

O que você diria aos cristãos e aos muçulmanos do Oriente Médio?

Ao Cristão e ao Muçulmano dizemos: nenhum de vocês é inimigo um do outro, nem mesmo uma ameaça ao seu desenvolvimento e à sua existência, muito pelo contrário, o outro é seu irmão, seu amigo, seu próximo. A riqueza do outro enriquece você, contribui para o seu crescimento, faz você melhorar.

A nossa cultura oriental é a cultura do "rosto" e o rosto, nós apenas descobrimos no encontro e no diálogo amigável. Caem, então, os obstáculos psicológicos e sociais que impedem o conhecimento do outro assim como ele é, como ele se compreende e como gostaria de ser compreendido.

Que caminho você entrevê para o diálogo?

Os patriarcas do Oriente convidam Cristãos e Muçulmanos a viver em solidariedade espiritual, melhor caminho para uma verdadeira convivência; esta consiste em levar consigo o próprio irmão diante de Deus, o irmão que professa outro credo, com suas preocupações, seus sofrimentos e aspirações. Quando nos colocamos na presença de Deus não estamos sós, mas junto com todos os nossos irmãos.

A solidariedade espiritual nos faz superar a mera convivência feita de temores de ofender e de ser ofendidos e se torna encontro e diálogo que nasce da fé no Deus único, na sua graça que trabalha no coração de cada pessoa humana.

Na terra do sorriso (2ª entrevista)

Dirigimos algumas perguntas a Ir. Wakamatsu Yukiko Francesca, inspetora no Japão, terra em que o catolicismo dialoga com o Budismo e o Xintoísmo.

Qual é a sua experiência pessoal com pessoas que vivem e professam uma religião diferente?

Estou sempre em contato com pessoas de outras religiões e sinto que a mim é pedido viver o testemunho dos Mártires. Não se trata de derramar o sangue, mas de viver a 'paixão', de viver com mais profundidade e de modo radical. Eu mesma me converti ao cristianismo acreditando na graça de Deus que me precedeu e acreditando na força dos Sacramentos.

Creio realmente na presença e na ação do Espírito Santo também nas pessoas que ainda não têm a noção de Deus. O trabalho da graça de Deus realiza-se em cada pessoa. A Igreja é sem dúvida o sinal universal da salvação.

Não se trata apenas de um argumento. Deus se manifesta certamente nas profundezas do coração da pessoa humana. Uma pessoa não pode deixar de responder a esta graça. A graça de Deus trabalha em cada homem e mulher. Está presente no relacionamento das pessoas que vivem em sociedade, nas culturas, nas diversas religiões e por isso todos recebem, seja como for, a sua influência. Isto se torna preparação ao Evangelho e é caminho para Deus.

Faz-se necessária uma educação ao conhecimento recíproco: entre Católicos e as diversas confissões cristãs, Budismo, Xintoísmo, Islamismo, Hebraísmo, novas religiões etc...

Em nível pastoral é necessário despertar o interesse pelo diálogo inter-religioso, não somente nos bispos, sacerdotes, religiosos e teólogos, mas também nos leigos.

Neste sentido, nós católicos podemos indicar o caminho e trabalhar juntos pela paz e pela proteção da vida.

Há um episódio, uma experiência que poderia fazer-nos compreender o que significa concretamente a tolerância, a solidariedade e a convivência pacífica entre as religiões diferentes?

O japonês de classe média tem em casa o altar a Buda e o altar Xintoísta, uma vez por mês a família é visitada pelo bonzo (Bosan) e pelo sacerdote xintoísta (Kannushi) para recitar o sutra (Okio) e dar a bênção (Norito). Por isso pode-se dizer que nas famílias japonesas, respira-se já uma espécie de diálogo inter-religioso porque coexistem budismo e xintoísmo.

Desde 1986 os líderes das diversas crenças religiosas costumam reunir-se para rezar pela paz. Pergunta-se se é possível rezar juntos. Durante um curso sobre o diálogo inter-religioso, do qual participei, experimentamos rezar juntos, o que habitualmente para uma pessoa só no dia-a-dia, não é possível.

Rezamos com a seita budista Zen, Shinshu, os Xintoístas e a nova religião Risshokoseikai que se inspira no Budismo. Foi um encontro de tipo ritual. Na vida cotidiana experimentamos alguma coisa semelhante quando participamos de funerais ou de matrimônios de pessoas de outras religiões. Manifestamos respeito pelo que é celebrado, pela pessoa que nos convidou, mas não há uma verdadeira participação.

Há alguns anos atrás tive a oportunidade de estar presente a alguns encontros de oração de religiões diferentes organizados pela diocese. Havia uma intenção para cada um desses encontros, por exemplo, a paz. Cada grupo religioso fazia por turno a oração segundo a própria religião: budista, xintoísta, islâmica. Era um modo de rezar juntos que criava uma solidariedade espiritual, uma solidariedade entre as religiões. A oração era feita em grupos separados, mas os presentes ficavam unidos pela experiência comum.

Quais são os pontos de contato entre o catolicismo e o budismo?

Entre o catolicismo e o budismo, há diversos pontos de contato como o conceito de 'mistério' ou a crença na vida depois da morte.

Assim como para o cristianismo Jesus é o único mestre, para o Budismo, o único a ser seguido é Buda.

Quanto à salvação da pessoa e à sua realização, para o Budismo ela acontece através da ascética e da meditação que podem ser semelhantes à ascética e à meditação cristã.

Para o Budismo a morte e o paraíso são o 'satori' definitivo (iluminação), o satori da sabedoria eterna é a misericórdia alcançada por meio da meditação. Para nós católicos, a perfeição, a união com Deus é fundada sobre a fé e sobre o amor.

Há um ponto de contato entre a noção de 'misericórdia' (budista) e 'amor' (cristão). O Budismo tem a noção de 'En' ou seja relacionamento, relação. É, portanto, uma visão da vida e do mundo sob a guia do Buda. Para o Catolicismo equivale a viver abandonados à vontade de Deus.



Não existe um pai branco meu e um pai negro teu. Existe somente um “Pai nosso”



A lâmpada

Compartilhar e agir

VI passo da *lectio*

Graziella Curti

Estamos no sexto passo da lectio.

Avançamos gradualmente para o coração do encontro com o Senhor.

Entramos em silêncio e atentos à Palavra.

Começamos a ruminar aquela frase que depois vamos guardar no coração durante o dia até fazê-la entrar no ritmo da nossa respiração.

Estamos maravilhados e adoramos a presença do Deus do céu e da terra que quis alcançar-nos com o seu amor e desejou ainda uma vez falar conosco.

Chegou o momento de compartilhar o que contemplamos.

Às vezes fazemos isto dialogando com outras pessoas sobre o texto que meditamos ou partilhando em comunidade as ressonâncias que a contemplação da Palavra despertou em nós.

Mas o faremos sobretudo vivendo aquilo que escutamos.

Junto com as irmãs

A leitura das Escrituras em comunidade é mais uma forma de rezar a Palavra. Afirmar Enzo Bianchi, prior de Bose, e enamorado da Bíblia: “Gregório Magno afirmava compreender mais profundamente as palavras da Escritura quando as escutava junto com os irmãos. É uma experiência extraordinária: quantas vezes um irmão pode ser instrumento para a compreensão de um versículo da Bíblia até então incompreensível para nós; às vezes sucede que Deus, através daquele trecho explicado, lido ou simplesmente evocado por nosso irmão, nos fale, nos diga alguma coisa. Sim, a leitura comunitária da Escritura tem uma riquíssima, infinita capacidade de fazer vibrar todas as cores da Palavra de Deus”.

Escola de vida

A escuta da Palavra deve levar à prática. O cardeal Martini, agudo e profundo cultor da Palavra, ensina-nos como integrá-la no cotidiano, na sociedade civil, no trabalho, na cultura:

“Atravesse a cidade contemporânea com o desejo de escutá-la, compreendê-la, sem esquemas redutivos e sem medos injustificados, sabendo que juntos é possível conhecê-la na sua variedade

diversificada, nas redes de amizades e de encontros, na colaboração entre os grupos e as instituições.

Favoreça o relacionamento entre pessoas que são diferentes pela história, pela proveniência, pela formação cultural e religiosa. Seja o fermento de novas *ágoras* onde se possa dialogar também com aqueles que pensam diversamente numa busca apaixonada e comum.

Devemos criar novas praças entre as casas, onde existam, no respeito recíproco, verdadeiras possibilidades de entendimento entre o irmão, o cidadão e o estrangeiro, segundo as exigências atuais da vida, do estudo e do trabalho. Tenha uma alma universal”.

Agir, realizar a Palavra, testemunhar o Senhor

“A lectio divina não é somente uma escola de oração”. Conduz necessariamente à realização da Palavra, que faz de nós missionários. Santo Ambrósio descrevia assim a passagem da contemplação à ação: “A lectio divina leva-nos à prática das boas ações. Porquanto, assim como a meditação das palavras tem por fim memorizá-las, de modo que nos lembremos das palavras meditadas, assim a meditação da lei, da Palavra de Deus, nos inclina e nos leva à ação”.

Também Maria Domingas

Toda a vida de Maria Domingas era espelho da Palavra de Deus, meditada e encarnada. A sua assiduidade ao trabalho, a sua atenção no cuidado das irmãs e das jovens, o seu amor pelos pobres, o seu bom relacionamento com quem se lhe aproximava, a sua alegria, eram frutos daquela mensagem de amor que absorvia do Evangelho e que a estimulava ao seguimento exemplar de Jesus misericordioso e santo.

Por que a lectio

Cesário de Arles advertia que a escuta da Palavra não deixa neutro o ouvinte. A Palavra de Deus opera redenção ou condenação em quem a recebe, assim como o Corpo de Cristo eucarístico. Ele pregava: “Se alguém não consome na prática a Palavra de Deus, ela, como o maná, produz vermes, que corroem”. “Uma vez que a Palavra anunciada é acolhida, conservada, meditada no coração, assim como Maria, ocorre em seguida visitar e servir o próximo”.

m.curti@cgfma.org



O evangelho ***na vida***

Uma noite com os pastores

Lc 2, 1-14

Ainda uma vez aqui estou, com o desejo no coração de ser como aqueles pastores que varam a noite, uma de suas tantas noites, mas uma noite diferente.

Igual e diferente de todas as suas noites de vigília. E não teria bastado uma vida, a duração de uma vida, para centua-la. Uma noite iniciada como todas as outras noites. Escreve Lucas: "Havia naquela região alguns pastores que vigiavam à noite montando guarda ao seu rebanho".

Noite iniciada com a guarda do rebanho e concluída com a guarda de um menino, o Messias numa manjedoura, noite que marcou para sempre os seus olhos e a sua vida.

Noite do paradoxo, aquele paradoxo que nós até certo ponto cancelamos, mas que o evangelho pontualmente registra. Em memória. Para sempre. E que hoje nas igrejas é lembrado. Lucas não o esconde, antes, parece centua-lo com aquele início do relato que fala de Roma, do imperador César Augusto, de sua vontade de dominar e de controlar, o palácio quer, impõe um recenseamento. É este o mundo que faz notícia, também hoje: de quem e do que se fala? Dos palácios mais ou menos sagrados. Menos sagrados, diz Lucas, porque o sagrado está noutro lugar.

Uma alegria para todos

Também hoje o sagrado está noutro lugar. Porque, Deus não muda de estilo, não troca as suas preferências. É o paradoxo do Natal. E não o cancelamos, pois, teríamos cancelado a "boa notícia": a "grande alegria" diz Lucas, "que será de todo o povo".

Um natal dos palácios sagrados não teria sido notícia. Desde que mundo é mundo, e também hoje, os palácios sagrados continuam a reivindicar para si o sagrado, acham-se os detentores do sagrado, o divino habita a partir deles. Se o nascimento tivesse acontecido entre eles, qual teria sido a boa notícia?

É o caminho de sempre. Sempre há alguém que guarda para si a alegria. Na noite santa, ao invés, a notícia é de esfregar os olhos e a alegria não é reservada àqueles poucos de sempre. Está escrito: "Uma grande alegria que será de todo o povo". Não alegria de poucos, mas da multidão, da multidão dos vivos, alegria hoje para mim, para nós que pertencemos à multidão, à multidão dos vivos.

Naquela noite eles se sentiram considerados. Em um primeiro momento tiveram medo, porque as autoridades religiosas sempre lhes haviam feito sentir medo sob um olhar que incutia medo. De tal modo que quando o céu se iluminou para eles na noite "foram tomados de pavor", está escrito.

Não lhes haviam feito talvez acreditar desde sempre, que eles eram os excomungados, os que não observavam as leis? Os considerados, fora da lei? Este é o Natal, não cancelemos o Natal. Não o cancelemos, viemos aqui para fazer a leitura do verdadeiro nascimento, longe, bem longe dos acenos mundanos, falsamente religiosos.

Um olhar do céu

Naquela noite os pastores em vigília, ainda envolvidos pela luz, depois de um momento de grande medo, sentiram o coração invadido por uma alegria que jamais haviam experimentado tão forte, porquanto a palavra revelava que havia nascido para eles – para eles! – na cidade de Davi, o salvador.

Sentiram na própria pele, áspera pele, áspera em todos os sentidos, o olhar da ternura de Deus. Aquela ternura que eles reservavam aos seus rebanhos, Deus dirigia a eles. Isto é o Natal, natal é sentir este olhar de Deus.

Naquele menino, o olhar de Deus sobre nós.

Um olhar que nos faz sentir pensados.

Noite de outras maravilhas: um Salvador para eles, mas um Salvador conhecedor de suas coisas, enviado como se fosse para reavaliar suas coisas.

Eles chegam e o que vêem se não as coisas de sempre? Um criança recém-nascida parecida com suas crianças. Na verdade, onde nasciam suas crianças, onde as colocavam quando suas mulheres davam à luz, a não ser numa de suas grutas, numa de suas manjedouras?

Um Salvador igual a um filho seu.

Um Deus, diferente daquele que lhes havia sido ensinado, um Deus não fora, mas dentro da fragilidade, da fraqueza humana. Sentiram-se reconciliados com a própria vida, com suas fragilidades e fraquezas.

E viram também, diz Lucas, aquela mãe. Aquela mãe cujo gesto ficou gravado de modo suave na memória: "Envolveu-o em faixas e o colocou na manjedoura".

A ternura enfaixava a fragilidade humana.

Sem sentimentalismos fáceis, o Natal parece dizer-nos: Deus está na carne viva e frágil de cada ser humano. Enfaixe-o, cuide dele. Como faz a mãe. Não reduza o Natal a uma criança de gesso.

Uma criança de carne

O perigo existe e eu o evidencio nesta noite lembrando as palavras de Dom Primo Mazzolari, palavras que, depois de anos, ainda são de uma atualidade desconcertante.

Dizia: «Penso que, se à força de usar estátuas de gesso do Menino Jesus não vemos mais as crianças de carne, se somos capazes de deixar morrer de fome a não sei quantos milhões de crianças, como se fossem de gesso também elas, se somos capazes de lançar, jogar bombas de duas-quatro toneladas, porque os homens são de gesso, se somos capazes de ameaçar com a utilização das armas nucleares, porque os homens são material humano, então me pergunto se é bom este encantamento que nos fornece o Natal para distanciar o nosso coração de carne do coração de carne do Natal». Eis o augúrio e eis a oração: «Salva-nos, Senhor, de reduzir o Natal a um encantamento. Faze de nós guardiães que enfaixem, como Maria, a carne de cada ser vivo. Porque esta é agora a tua morada, aqui sobre a terra».

Ângelo Casati



Testemunhas do diálogo

Bruna Grassini

Que o Deus onipotente, Amigo de todos, seja a nossa paz.

Que o Senhor de todo poder e riqueza, Mestre de toda a criação, seja pela nossa paz. Que o Deus onipresente, de incomensurável dignidade, seja o Doador da paz para todos nós. Ó Senhor, Deus onipotente, que haja paz nas regiões celestiais. Haja paz sobre a terra, a água seja calma, a erva seja sã, as árvores tragam paz a todos. Todas as coisas sejam fontes de paz: que a tua paz se infunda em todos. E que a tua própria paz se infunda também em mim. *(Dos Hinos dos Vedas)*

Dialogar não é fácil: requer determinadas condições. A primeira delas é ter “uma mente aberta” e “um espírito acolhedor”. Além disso, levar em conta que a “plenitude da verdade” nunca está de um só lado: aprende-se também e muito, escutando os outros, sem temer a perda da própria identidade.

Antes, permite-nos compreender as crenças e as atitudes dos outros. Em suma, no diálogo é necessário saber acolher aquela parte da verdade que nos vem do outro. Este é o precioso ensinamento que nos deixou o Papa João Paulo II: o Diálogo como *estilo de vida*, que faz crescer a compreensão, a estima aos *diferentes*, e é condição para a convivência, o respeito recíproco e a paz.

O monge Buddhassa, notável expositor do Budismo, num trabalho sobre o cristianismo, escreve: «Jesus sacrificando-se quis libertar o povo da ignorância. Ofereceu sua vida para salvar a humanidade. Pregado na cruz, Jesus diz a Verdade. Não impõe a sua vida aos outros, mas a oferece. Escolher Cristo é escolher o caminho da libertação».

Em um outro escrito seu, fala do amor como elemento central da mensagem de Cristo. E conclui exortando seus discípulos com as palavras de Jesus: «Amai-vos uns aos outros, sacrificando-vos uns pelos outros. Tudo aquilo que dais, inclusive o dom de vós mesmos, é o meio mais seguro para a salvação».

Relançar o diálogo

Mons. Henri Teissier, arcebispo de Argel, definido o *Homem do diálogo e do encontro*, no final do seu mandato recebeu mensagens de estima e de reconhecimento de todo o mundo, além da *Legião de honra* da França, pelos sessenta anos de episcopado a serviço do seu povo.

Sustentado pela fraternidade de sua gente proclamou o direito de testemunhar publicamente a própria fé, partilhando com coragem os momentos mais difíceis. Encorajado por um encontro com o Papa Bento XVI, em outubro de 2007, sustenta a Mensagem dos 138 líderes muçulmanos de 50 Países diferentes, para relançar o diálogo às comunidades cristãs a fim de que o mundo não se precipite na ignorância e na injustiça. O Papa João XXIII gostava de repetir: «Não há alternativa para o diálogo».

No verdadeiro diálogo há o desejo de salientar aquilo que une. Isto não significa esquecer as diferenças. Antes, estas vão emergindo e sendo compreendidas num relacionamento positivo com os outros. Dialogar é necessário, mas em conformidade com as regras».

O Selo de Deus

Thomas Merton, precisamente no último dia de sua vida, afirmava: «Estou convencido de que uma atmosfera de serenidade e de acolhida, deva prevalecer sobre a indiferença e o oportunismo, que quer obter resultados imediatos e visíveis». Para o crente o diálogo baseia-se na convicção de que em cada pessoa há o *Selo de Deus*. Portanto «A Igreja exorta seus filhos a que com sincero respeito, prudência e caridade, por meio do diálogo e da colaboração, reconheçam, conservem e façam progredir os valores espirituais, morais e sócio-culturais que, não raramente, refletem um raio daquela verdade que ilumina todos os homens». (*Nostra Aetate*, n. 2). A perda da capacidade de dialogar teria um peso incalculável sobre o futuro da humanidade. É importante estimular, sobretudo nos jovens, a abertura ao diálogo em vista de uma ativa e responsável participação aos graves problemas que pesam sobre a sociedade.

Hoje impõe-se a tarefa de encorajar uma atitude crítica e de recuperar o sentido dos valores.

Ter a coragem de saber: na complexidade da vida de hoje. Este é o desafio e a provocação que o Prêmio Nobel Rita Levi-Montalcini lança para a sociedade, com a paixão e a tensão moral que testemunha a sua confiança, também na complexidade da vida hodierna.

grassini@libero.it



O fio de arianna

A partir do diferente

Maria Rossi

O fenômeno da emigração tornou-se tão grande a ponto de interpelar as Instituições públicas e privadas e de estimular à criação de Associações humanitárias capazes de oferecer acolhida e ajuda de primeira necessidade para salvaguardar a dignidade das pessoas e o respeito aos direitos

humanos. As reações das pessoas dos Países que acolhem dependem mesmo das circunstâncias do momento: ora se contesta por um fluxo migratório indiscriminado; ora tomam-se as defesas dos migrantes pela vantagem que oferecem adaptando-se a todo tipo de trabalho; ora emergem reações emotivas de rejeição.

O problema, há tempo, está presente também nas Circulares da Madre e nas reflexões do nosso Instituto. No *Instrumento de trabalho do Capítulo Geral XXII*, lê-se: «O fenômeno da mobilidade humana convoca-nos à elaboração de percursos educativos sistemáticos que favoreçam a passagem da diversidade cultural de fato ao diálogo inter-cultural. Promover este processo é condição para uma integração positiva [...] e para responder à questão da educação especialmente das crianças, mulheres e jovens imigrantes».

A urgência em dar respostas positivas à questão da educação e proteção dos imigrantes é muito sentida por aquelas pessoas que conhecem as histórias, as angústias, as humilhações, as fadigas e também as reações violentas destes jovens e, por aquelas que, levadas pela paixão educativa, atentas ao fluir dos eventos, observam que a emigração é uma emergência que está se tornando normalidade.

A realização de obras de acolhida, de ajuda e de percursos educativos adequados é frequentemente freada pelo medo do diferente, pela força da inércia, pela incerteza na troca dos meios seguros pelos meios inovadores e também pelo persistente racismo da população autóctone dentro e fora das instituições educativas, além da falta de conhecimento.

Para oferecer auxílios eficazes *e ser sinal e expressão do amor preveniente para todos*, é necessário conhecer e ter presente, para além das dinâmicas psicológicas normais e das tarefas de desenvolvimento, também as experiências pessoais problemáticas e as culturas dos Países de proveniência das crianças e dos jovens estrangeiros. Nos últimos anos, tendo trabalhado no âmbito da psicologia evolutiva, encontrei-me com vários adolescentes imigrantes e, assim sendo, refiro-me sobretudo a esta idade sem diminuir a importância das outras.

A adolescência é um período crucial da vida, difícil para todos. A elaboração positiva da própria identidade pessoal, tarefa particular desta idade evolutiva, não é fácil a ninguém. Para uma/um adolescente estrangeiro torna-se difícil, sobretudo se o País que o acolhe tem uma cultura muito diferente daquela do País de proveniência.

As dificuldades de relacionamento com os pais, próprias da idade, aguçam-se. Os pais, longe de seu País de origem, encontram-se frequentemente sozinhos, sem confrontos e ajudas externas. Desejando educar como eles mesmos foram educados, tendem a se tornar rígidos ao exigir alguns comportamentos, mesmo se não estejam em consonância com os do país que os acolhe.

Nesta situação os adolescentes, já inquietos pelas dinâmicas intra-psíquicas e pelas mudanças que devem enfrentar em nível físico, intelectual e social, não sabem de que lado ficar e, com facilidade, encontram-se suspensos entre dois mundos contrastantes. «Queria que os meus pais fossem como os outros», dizia um adolescente indiano, com evidente desagrado. Uma jovem do Marrocos contestava: «Não posso ter minha liberdade. Não me deixam sair, não posso me vestir como quero... gostaria de ser tratada como meu irmão, ele não faz nada em casa». Um adolescente de catorze anos com traços japoneses, dizia: «Não sei bem quem sou eu. Na Itália, onde vivo, consideram-me japonês pelos meus traços fisionômicos. Quando vou ao Japão, pelo meu comportamento, não me consideram um deles. Talvez, como dizem os meus pais, deveria considerar-me um ítalo-nipônico». Concluía com certa perplexidade.

A ajuda para uma elaboração positiva da própria identidade é dada também pela comparação com o grupo dos coetâneos. Para os adolescentes estrangeiros, as dificuldades de integração frequentemente são incômodas. Um adolescente russo, bom aluno na escola, dizia-me: «Eu tenho alguns amigos, mas nem sempre são amigos. Quando recebo uma nota melhor que eles, irritam-se e me ofendem com palavrões». Um outro, também russo, precisou mudar de escola pela intolerância dos colegas de classe, uma intolerância que escapava ao controle dos educadores e que criava exclusão e episódios de bullying, por parte do grupo.

Uma adolescente peruana, com traços africanos, contava-me que alguns companheiros de classe zombavam dela e a excluía. Ameaçados de suspensão pelo Diretor da escola, eles a esperavam fora e pelo caminho gritavam atrás: "Negra suja" e palavrões contra os pais.

Quase todas/os as/os adolescentes estrangeiros que se aproximaram de mim nestes últimos tempos haviam sofrido caçadas, rejeições, ofensas. À pergunta: «E como você se defende?». Eis a resposta comovente de um adolescente romeno: «Fico calado, agüento, mas gostaria que todos respeitassem os direitos uns dos outros». Um outro: «Dou-lhes uma surra, especialmente quando ofendem os meus pais». Uma adolescente me dizia: «Minha mãe me recomenda sempre de calar e suportar, mas nem sempre consigo e então respondo ofendendo, também eu». Uma outra: «Finjo que não é nada, mas me sinto mal».

Os professores que trabalham na escola, mesmo não se sentindo suficientemente preparados, em geral são acolhedores e disponíveis. Contudo as dificuldades reais para exprimir-se na nova língua, aflige muito os adolescentes estrangeiros. Nesta situação de precariedade, com dificuldades e tensões que superam o nível de sustentação, os adolescentes podem se tornar fácil presa aos grupos extraviados que lhes prometem acolhida, sucesso e dinheiro fácil.

Como ajudar as/os adolescentes e também os outros imigrantes, a elaborar uma identidade positiva, a não se deixar enganar pela promessa de sucesso e de lucro fácil, a não ceder à violência? Como estimulá-los a superar as dificuldades relacionais, a questionar-se sem angústia sobre a própria identidade, a não rejeitar nada da própria história e a conciliar as diferentes pertencças?

O *Instrumento de trabalho* propõe elaborar percursos educativos capazes de favorecer a passagem de uma "diversidade cultural de fato a um diálogo inter-cultural". É uma tarefa difícil, delicada, complexa. Requer competência, reflexão, empenho e coragem. Não há soluções fáceis. Podem-se, porém, encontrar estudos, reflexões, experiências sérias e iluminadoras no que diz respeito.

Algumas sugestões

De uma certa forma, a nossa vida de FMA é estabelecida sobre o *nomadismo*. A reflexão sobre o positivo e o negativo das nossas *migrações* de uma casa para outra, de uma Região para outra, de uma Nação para outra, poderia ser útil para pôr em prática tudo quanto se experimentou como válido e para evitar o que foi constatado desvantajoso.

Seria também interessante colocar-se diante de si mesmas e escutar-se com serenidade, sem medo de colher sentimentos negativos. É normal que também as pessoas consagradas, possam experimentar sentimentos de rejeição. O comportamento, os costumes, a solicitação de atenções e de tempos suplementares, às vezes também a cor, podem criar um real aborrecimento que, na maioria das vezes é superado positivamente. A consciência das nossas dificuldades nos torna, habitualmente, mais humildes e misericordiosos, mais disponíveis à acolhida.

Para além de ter ou não ter experimentado o *nomadismo*, como educadoras não podemos ignorar o problema ou pensar, como apressadamente fazem algumas/uns, que quando uma pessoa chega ao País que a acolhe deve adaptar-se à nova cultura e abandonar a própria, respeitar as leis, comportar-se como todos e evitar novos problemas onde já se fadiga para enfrentar os da convivência normal.

Urge conhecer e levar em consideração o núcleo familiar dos imigrantes (casal unido ou dividido ou ainda separado, número de filhos), o contexto de proveniência (urbano ou rural), o grau de escolarização dos pais e sua situação jurídica e de trabalho. Oferecer uma escuta ativa, melhor ainda se empática, para perceber o enorme esforço que os imigrantes fazem para inserir no novo contexto, a si mesmos e a seus filhos, enquanto procuram conservar a própria língua e as tradições dos seus Países de procedência. A escuta e o diálogo entre a família e as pessoas que acolhem o imigrante poderiam permitir uma inserção sem frustrações.

Nos lugares destinados à reflexão sobre este problema, sugere-se o *desenvolvimento de uma proposta inter-cultural*. Nos ambientes em que são acolhidos os imigrantes, habitualmente tem-se a preocupação de ensinar a língua do País que acolhe e de fornecer os auxílios de primeira necessidade. Uma proposta inter-cultural requer o conhecimento da cultura do diferente, o apreço pela sua língua materna, considerada um recurso e não um obstáculo e a possibilidade de expressar, em ocasiões oportunas, além das festas, das danças, das vestes típicas, também os significados que lhes conferem sentido.

Os imigrantes em geral, incluindo os adolescentes, ao sentirem apreço e não rejeição pelo seu modo diferente de ser, vão conseguir com mais facilidade apreciar e integrar sua cultura e sua história, relacionar-se com os outros com serenidade sem se sentir inferiores ou suspensos entre dois

mundos contrastantes, sem perpetrar planos de vingança ou de fuga e sem se deixar iludir por promessas de lucros fáceis.

A reflexão e o esforço para acolher e compreender o migrante, o diferente, poderia ajudar-nos a ser mais disponíveis para aceitar as nossas diferenças e para construir percursos de paz tanto dentro como fora das nossas comunidades.

rossiaria@libero.it



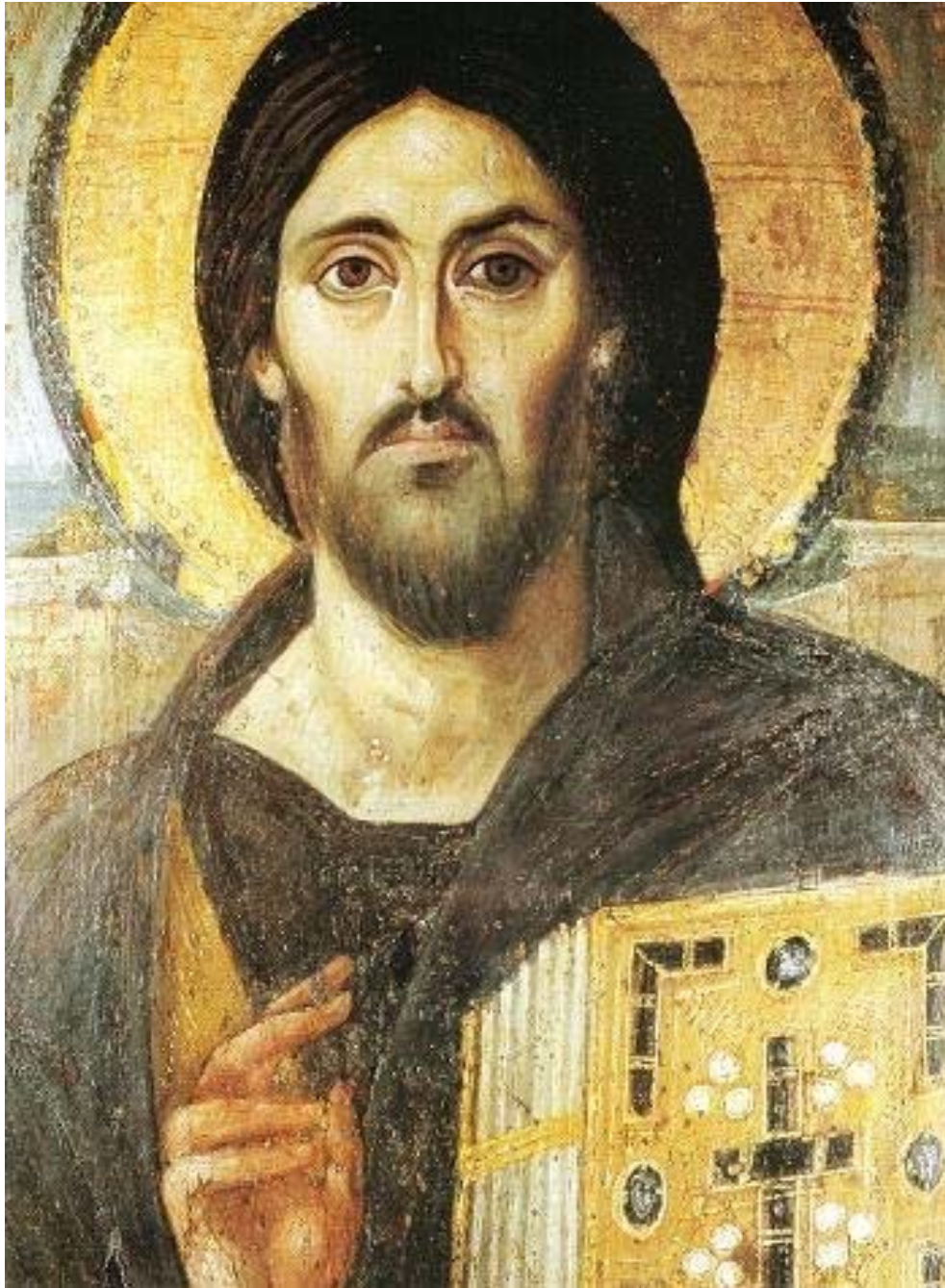
A TUA PALAVRA É LUZ SOBRE O CAMINHO



**O Sínodo é providencial apelo à perseverança
no empenho de ser discípulas da Palavra (...).
Isto implica colocar-se à escuta da Palavra
- escrita e testemunhada com a vida – mas também à escuta
da Palavra que emerge nas dobras da história,
nas situações da existência pessoal e comunitária.
A Palavra nos configura a Jesus, nos transforma Nele
a ponto de fazer de nós palavras vivas
capazes de despertar vida nos outros.
Escuta e acolhida da Palavra suscitam
uma resposta de amor ao Amor proveniente de Deus
que nos fala, obediência à sua vontade
que nos liberta das múltiplas escravidões
em que permanecemos emaranhados quando o eu se desenvolve
fora dos desígnios de Deus,
disponibilidade para coordenar todos os nossos recursos
a serviço do grande projeto de Deus,
o advento do seu Reino.**

(Relação sobre a vida do Instituto, CG XXII)

O ROSTO DE JESUS



***O monge Epifânio certo dia descobriu em si
um dom do Senhor: sabia pintar belíssimos ícones.
Queria pintar um que fosse a sua obra-prima:
queria reproduzir o rosto de Cristo.
Mas onde encontrar um modelo adequado
que exprimisse ao mesmo tempo sofrimento e alegria,
morte e ressurreição, divindade e humanidade?
Epifânio não mais se deu trégua: pôs-se em viagem;
percorreu a Europa examinando cada rosto. Nada.
O rosto adequado para representar Cristo não existia.
Certa noite adormeceu repetindo as palavras do salmo:
«O teu rosto, Senhor, eu procuro.
Não me escondas o teu rosto».
Teve um sonho: um anjo o levava às pessoas encontradas
e lhe indicava um particular que tornava aquele rosto
semelhante ao de Cristo: a alegria de uma jovem esposa,
a inocência de uma criança, a força de um camponês,
o sofrimento de um doente, o medo de um condenado,
a bondade de uma mãe, o temor de um órfão,
a severidade de um juiz, a alegria de um trovador,
a misericórdia de um confessor,
o rosto enfaixado de um leproso.
Epifânio voltou ao seu convento e se pôs a trabalhar.
Após um ano o ícone de Cristo ficou pronto,
apresentou-o ao Abade e aos co-irmãos, que ficaram atônitos
e caíram de joelhos.
O rosto de Cristo era maravilhoso, comovente,
perscrutava o íntimo e interrogava.
Em vão perguntaram a Epifânio quem lhe tinha
servido de modelo.***

*Não procures o Cristo no rosto de uma única pessoa,
mas busca em cada pessoa, um fragmento do Rosto de Cristo.*

Giancarlo Bregantini, bispo,
Rostos e lugares de uma Igreja jovem,
Elledici-ISG 2007

*Se permanecerdes fiéis à minha Palavra
sereis meus verdadeiros discípulos, conhecereis a
Verdade e a verdade vos Libertará*

Jo. 8, 32

**A missão da Igreja no início deste novo milênio
é nutrir-se da Palavra no empenho da evangelização...
O anúncio da Palavra de Deus, na escola de Jesus,
tem a força íntima e o conteúdo do Reino de Deus (cf Mc 1, 14-15).
O Reino de Deus é a mesma pessoa de Jesus,
que com as palavras e as obras oferece a todos a salvação...**

**Um dos primeiros requisitos para um eficaz anúncio evangélico
é a confiança na potência transformadora
da Palavra, no coração de quem a escuta...
Um segundo requisito, hoje particularmente percebido e acreditado,
é anunciar a Palavra de Deus como fonte de conversão,
de justiça, de esperança, de fraternidade, de paz...**

**Recebendo a Palavra de Deus, que é amor, segue-se
que não se pode verdadeiramente anunciar o Senhor
sem praticar o amor,
no exercício da justiça e da caridade.**

(Instrumento de trabalho do Sínodo dos Bispos)

*Encarte:
Mara Borsi e Anna Rita Cristaino*

Cooperação e Desenvolvimento

Nenhuma exclusão

Mara Borsi

A Índia juntamente com a China é considerada a superpotência do futuro, destinada a crescer economicamente pela vastidão dos seus recursos humanos, sociais e econômicos; deste crescimento esperam-se mudanças e repercussões em âmbito espiritual e material. As promessas para o futuro chocam-se com a dureza do presente onde larga faixa da população permanece muito pobre. O *Centre for Development and Empowerment of Women Society* das FMA de Bangalore (Índia) promovendo a educação das meninas e das jovens industria-se para proporcionar hoje oportunidades concretas para uma vida digna.

Bangalore (Bengal ru, in kannada) é a capital do estado indiano do Karnataka e é a quinta cidade da Índia em ordem de grandeza. Está situada no planalto de Mysore, a 968 metros acima do nível do mar.

Nas últimas décadas o sucesso das empresas de alta tecnologia da cidade viu o crescimento do setor da *Information Technology* (IT) na Índia. Só em Bangalore, as empresas neste campo garantem emprego a 30% do milhão de empregados que o IT se gaba ter na União Indiana.

Nesta cidade rica de oportunidades as FMA da Inspetoria "Sagrado Coração de Jesus" fundaram em 1993 o *Centre For Development and Empowerment of Women Society* (CDEW) para combater a marginalização e a situação de abandono da infância, sobretudo a feminina. Desde o início de sua atividade o centro promoveu várias iniciativas e projetos dentre os quais o sustento de 500 famílias que ficaram sem nada em consequência do Tsunami; o micro-crédito para as mulheres em 17 centros dos quais foram beneficiárias 2500 famílias, a formação ao trabalho em 6 centros para as meninas, e muito mais. A atividade mais bem organizada e mais consistente é a gestão de aproximadamente 600 grupos de auto-ajuda em vista da educação e da defesa dos direitos da mulher. O objetivo do Centro de cooperação ao desenvolvimento é favorecer o protagonismo das faixas mais prejudicadas da população. O slogan – *com os marginalizados à plenitude da vida* – exprime bem esta intencionalidade.

O CDEW propõe-se realizar a missão de construir uma sociedade solidária onde o amor, a fraternidade, a paz, o fortalecimento da mulher e o desenvolvimento econômico sejam valores compartilhados e defendidos. Cinco são as estratégias que guiam as ações: educação, organização, gestão econômica, saúde e capacidade de tomada de decisões.

Prevenção ao abandono escolar

No início de 2008 o CDEW obteve o financiamento para veicular um projeto relativo à cooperação em matéria de alfabetização e de prevenção ao abandono escolar, por meio de 27 centros de apoio em três Estados: Karnataka, Andhra Pradesh e Kerala. Os centros encontram-se nas aldeias e nos bairros pobres e se voltam aos mais pobres entre os pobres, meninas, adolescentes, analfabetas ou recentemente alfabetizadas, crianças pertencentes a etnias tribais e *dalits* (os sem direitos). 90% das crianças que chegam ao projeto freqüentam a escola estatal, outros dirigem-se às escolas particulares onde o custo da mensalidade escolar é extremamente baixo. A freqüência à escola, porém, nem sempre é regular por diversos problemas ligados, sobretudo, à situação econômica das famílias.

Se alguém não é assíduo às aulas ou abandona o percurso da educação formal encontra-se, posteriormente, sem qualificação no mundo do trabalho, por isso, muitos não conseguem melhorar suas condições de vida e, com o passar do tempo, são completamente excluídos das oportunidades sociais. Infelizmente há situações nas quais os pais, sendo atraídos pelo dinheiro fácil ou para pagar as dívidas contraídas, expõem os filhos ao trabalho escravo, onde pode acontecer que as crianças,

sobretudo as meninas e as adolescentes, não só vivam em condições desumanas, mas também sofram abusos e torturas físicas.

Para prevenir estas situações nos 27 centros de apoio escolar ensinam-se as disciplinas oficiais, procura-se acompanhar cada aluna/o para melhorar o seu rendimento escolar, promove-se a educação integral por meio de uma formação humana, religiosa, social, cuidam-se das motivações que permitam a frequência regular às aulas, mas, sobretudo procura-se reforçar a confiança, a capacidade de gerir as próprias emoções e de promover uma postura positiva em relação à vida. O projeto do CDEW visa à colaboração positiva das autoridades públicas, das diversas dioceses e da população local.

Uma particular atenção formativa é reservada aos pais dos meninos e meninas e das adolescentes que freqüentam os Centros.

As iniciativas a este respeito visam a despertar os pais para suas responsabilidades na educação dos próprios filhos, motivar o acompanhamento e a presença educativa para oferecer o suporte necessário ao crescimento das crianças.

Os Centros de apoio escolar organizados pelas FMA oferecem escuta e aperfeiçoamento, são lugares onde é possível exprimir-se e se relacionar na lógica da comunicação ecológica, são ambientes que ajudam a ler e a viver a complexidade, que favorecem processos de construção de identidades abertas, capazes de gerir o confronto com a alteridade por meio do qual cada identidade se constrói e se mantém.

mborsi@pcn.net

Se você quiser contribuir com o projeto, basta consultar: <http://www.cgfmanet.org>, na secção doações.



Direitos humanos & Vida consagrada

Tens compaixão de todos...

Emilia Di Massimo

"Tu poupas todas as coisas, porque todas são tuas, Senhor, amante da vida. [...]. A tua força de fato é princípio de justiça; o teu domínio universal te torna indulgente com todos. [...]. Tu, dono da força, julgas com mansidão, e governas com muita indulgência [...]. Com este modo de agir tens ensinado ao teu povo que o justo deve amar os homens" (Sab 12).

O desconhecido autor do livro da Sabedoria, último dos escritos sapienciais do A.T., escreve durante o I século a.C. com o propósito de ensinar a *justiça* aos governantes da terra e, através deles, aos seus povos. Trata-se de um valor que ele considera pouco apreciado no mundo ao qual se dirige. Neste sentido, procura pronunciar a palavra que sua cultura e sua religião têm para oferecer à sociedade daquele tempo.

No trecho citado, porém, podemos vislumbrar também o rosto de Jesus, o Filho, enviado pelo Pai para manifestar o seu amor por cada criatura. João evangelista e Paulo nas suas cartas, reconhecerão, de fato, na pessoa de Jesus de Nazaré a *sabedoria eterna* de Deus, do Deus-próximo, o Deus-amigo, que se faz um de nós para manifestar-nos a sua misericórdia e curar as nossas fraquezas.

Um binômio inseparável

À luz destes versículos, podemos refletir sobre o vínculo profundo entre **justiça e compaixão**, traços visivelmente manifestados por Cristo, no relacionamento com as pessoas que encontra no seu caminho. Ele conforta os marginalizados e os oprimidos; toma sobre si o seu jugo e faz dele o lugar para manifestar o amor do Pai pelos pequenos e pobres, pelos doentes e os excluídos. Jesus combate a injustiça e suas conseqüências, mas acolhe a miséria alheia e aceita tomar sobre si o sofrimento do mundo. Não elimina a morte, manifesta o amor; não explica a dor, resgata-a do não-sentido.

Uma palavra que queima: compaixão

A expressão “movido pela compaixão” e outras semelhantes evidenciam no Evangelho a reação mais profunda de Jesus diante do sofrimento humano. Ao ver a multidão que o segue, cansada e enfraquecida, ele se *comove* e multiplica os pães para saciá-la (*Mc 6, 34; Mt 15, 32*); à súplica humilde e confiante do leproso, Jesus, *movido pela compaixão*, toca-o e o cura (*Mc 1, 41*); diante da viúva que chora, o Senhor *tem compaixão* e lhe devolve vivo o filho único (*Lc 7,13*). Nestes e em tantos outros momentos a *compaixão* domina a alma de Jesus. Esta sua experiência reflete-se mais uma vez na narrativa daquelas parábolas que salientam a atitude que se deve ter com o próximo em dificuldade (*Cf, por exemplo, Lc 10, 25-37; Mt 18,23-35*).

A palavra hebraica subjacente a *compaixão* indica o mover-se das entranhas maternas e aí está justamente para expressar o amor *materno* de Deus para com a pessoa humana. Deus comove-se diante do nosso mal, porque *é Deus e não homem (Os 11, 9)*, precisamente como uma mãe que não pode “*deixar de comover-se com o fruto de suas entranhas*” (*Is 49,15*). “*Compaixão* que é, etimologicamente, sofrer com o outro, tem um sentido ético. É a coisa que tem mais sentido no mundo” (E. Lévinas).

Vida consagrada samaritana

“*A vida consagrada, uma vida samaritana*” é o título que Dom Pascual Chávez quis dar a uma de suas conferências durante as últimas Avaliações Trienais FMA. Comentando nela o significado do ícone da Transfiguração, escolhida por João Paulo II para caracterizar a Vida consagrada (cf VC, 14-16), afirma: «A mensagem era clara: a vida consagrada tem a sua origem na experiência de Deus que se torna serviço de caridade ao mundo.

Uma vida, então, transfigurada, luminosa e iluminadora, mas também próxima, cordial, *compassiva* [...]. O amor não existe senão na medida em que se manifesta sob a veste da *compaixão*, da ternura, do empenho, da solidariedade, de modo que o outro possa fazer experiência de um Deus próximo não distante, *compassivo* não indiferente».

Hoje, mais que em qualquer outra época, a vida consagrada é chamada a trabalhar pelos direitos humanos, pondo-se como um sinal da proximidade de Deus, de sua solidariedade radical com suas criaturas, até a morte de cruz. «Não sei se não deveremos ser mais audazes, - conclui neste sentido o Reitor-Mor – mais proféticos, menos calculadores, assumir mais o risco.

Naturalmente isto equivaleria a mudar de certo modo a nossa mentalidade e nos levaria a ser mais flexíveis, a saber contar com os imprevistos, a estar dispostos a mudar os nossos planos, mas com o objetivo de levar a compaixão e a solidariedade àqueles que a esperam, mesmo se não a pedem.

O fato de dar a Deus o primado que lhe compete não quer dizer ficar escravos de horários e de programas, mas servi-lo lá onde nos espera: “Tive fome, sede, era estrangeiro, nu, doente, encarcerado...” (Mt 25, 31-46).

delegata.tgs@fmairo.net

Sementes da compaixão de Deus

Os carismas dos Institutos religiosos são como sementes da compaixão de Deus na vida dos Fundadores e das Fundadoras, que sentiram arder dentro o chamado à doação total, para defender e salvaguardar as pessoas mais necessitadas.

Estas sementes são hoje árvores frondosas que estendem os seus ramos pelo mundo inteiro.

Entre os episódios mais populares da vida de Francisco de Assis relembramos:

O dom da capa ao pobre - «Ora, aconteceu que ele se encontrou com um cavaleiro nobre, porém pobre e maltrapilho. Movido pela *compaixão*, despojou-se e o revestiu»;

O milagre da fonte - «Encontrando-se o Santo com um pobre extenuado pela sede sobre um árido outeiro, *tomou-se de compaixão*, implorou e conseguiu extrair água fresca e borbulhante de uma rocha.

Dom Bosco, ao ver os jovens atrás das grades na prisão de Turim, ficou horrorizado e procurou compreender a causa: «Estes jovens deverão encontrar fora um amigo que tome conta deles, os assista, os instrua, os conduza à Igreja nos dias de festa...».



foto  **click**

Suas fotos favoritas...

Publicamos algumas das fotos que chegaram à redação. Agradecemos aos que aderiram ao concurso. O nome do vencedor está para ser publicado.



Vida - O sentido da maternidade: dom de si sem limite, bondade, generosidade e confiança.
(Edith Mawakam centro "Madre Morano" - Pointe-Noire – Congo Brazzaville)



Os Outros - A Amizade em cada idade. (Nicole Ann F. Galang Balibago Angeles City, Pampanga)



Amizade - Quando crescemos num ambiente de simplicidade, compartilhamos os nossos jogos e os nossos sonhos, a vida se funda sobre o essencial. (Gloria Ximena Caicedo Tombe – Armênia – Colômbia)



O estupor - Educar ao estupor e à maravilha. (Giovanna Azeliero Ginevra – Suíça)

Polis

Reflexões sobre o “bem comum”

Anna Rita Cristaino

Vittorio Bachelet, notável jurista católico italiano, pouco antes de ser assassinado em 1980 por um grupo terrorista de extrema esquerda, escrevia: «As profundas e rápidas transformações que ocorrem atualmente em todas as dimensões da convivência humana dificultam ainda mais a educação ao sentido do *bem comum*, mas ao mesmo tempo a tornam também mais necessária e talvez mais livre e fecunda».

Frequentemente encontra-se dificuldade para definir o *bem comum* porque na sociedade atual, global e multi-cultural, tem-se a convicção de que não se podem individuar valores compartilhados e que portanto só é possível definir algumas regras mínimas para garantir a tolerância recíproca. Para recuperar o verdadeiro sentido da expressão *bem comum* aludimos à definição expressa pelo Concílio Vaticano II, no número 26 da *Gaudium et Spes*: «O conjunto daquelas condições da vida social que permitem, tanto para a coletividade como para cada membro, alcançar a própria perfeição mais plenamente e mais rapidamente».

Daqui pode-se deduzir que o *bem comum* não é um simples conceito, mas um modo de agir, positivo, ativo, que implica a responsabilidade de todos, da qual ninguém pode se sentir excluído. Além disso, o *bem comum* abrange toda a vida da pessoa e todas as dimensões da comunidade, não só local e circunscrita, mas cada vez mais universal e internacional: implica toda a experiência do homem, de cada homem, da concepção até a morte.

Afirmar que o *bem comum* é responsabilidade de cada um, significa considerá-lo não só um dever mas também um direito.

Cada pessoa é chamada a dar a própria contribuição para o bem da sociedade, a colocar à disposição de todos, o fruto da própria reflexão, dos valores, dos ideais. A democracia é feita de participação e responsabilidade, realiza-se no confronto, através de regras que são definidas em conjunto. O confronto e o diálogo são, portanto, elementos fundamentais para a realização do bem comum. Propor o diálogo como método para a busca do *bem comum* é um empenho que deveria ser do interesse de todos e é, seguramente, uma responsabilidade educativa nossa.

É preciso formar as jovens gerações, generosas mas relutantes no sentido da responsabilidade e do empenho social e político, partindo da idéia fundamental de que o bem da sociedade deve estar na base de toda busca de felicidade. É necessário educar para um *bem comum* não entendido no sentido egoístico (isto é, útil para mim), mas segundo o que afirma a Doutrina Social da Igreja: um bem de todos e de cada um.

Jacques Maritain no seu livro, *A pessoa e o bem comum*, de 1963, já dizia que se trata da realização da justiça e da paz entre as pessoas, é *vida reta da multidão*. É importante fazer compreender que o interesse de cada um se realiza *junto* com os dos outros, nem *contra* nem *prescindindo* deles. O empenho para a realização de tudo isto implica solidariedade e determinação para dedicar-se ao bem de todos, porquanto todos somos responsáveis de todos.

arcristaino@cgmfa.org



jovens .COM

: O fruto proibido

Maria Antônia Chinello, Lucy Roces

**Milhões de arquivos musicais MP3 gratuitos,
vídeos-clip, programas, filmes.**

Tudo ao alcance do click!

Uma tentação, não é mesmo?

**As plataformas de partilha dos arquivos,
mais conhecidas como P2P**

**ou *networking peer-to-peer*,
proliferam sobre a Rede**

e têm nomes sugestivos:

eDonkey/Overnet, Shareaza,

WinMX, BitTorrent, Limewire,

Morpheus, eMule, Ares,

BearShare, Kazaa e Gnutella...

File sharing, ou seja, uma rede de computadores inter-conectados, ou nós de difusão, que criam um imenso banco de dados *on-line* de músicas, vídeos, programas, jogos, testes aos quais é possível ligar-se e encontrar o que se procura, mas também colocar à disposição de outros o que se possui de vídeos-clip, MP3, animações, aplicações. A lógica basicamente é semelhante à que está na origem da

Rede: compartilhar o que se tem, para ampliar o círculo do conhecimento, dar a própria contribuição pessoal a fim de que outros fruam das mesmas oportunidades. Na Internet não há idealmente "proprietários", os limites do espaço e do tempo somem, quando as pessoas se comunicam criando entroncamentos e links que se propagam em círculos concêntricos.

O P2P é uma modalidade de distribuição de arquivos que não se apóia num computador que fornece informações e num outro que as recebe. A relação entre os computadores pretende ser "de igual para igual" (daqui a definição "*peer to peer*" ou P2P): isto é, simultaneamente enviam e recebem arquivos, num relacionamento em conjunto.

A Rede torna-se assim um jogo feito por jovens. Os mais assíduos freqüentadores do P2P são exatamente os mais jovens, os pré-adolescentes e os adolescentes que ficam horas e horas diante dos seus computadores empenhados, sobretudo, na troca, em nível mundial, de músicas, vídeos-clip e jogos.

O conceito é simples: "Se eu tenho aquilo que você quer e você tem aquilo que eu procuro, por que não compartilhá-lo?". Além disso, a afirmação do formato de compressão MP3 transformou a Internet no principal nó de difusão da música, sobretudo ilegal: em poucos minutos, sem a necessidade de grandes competências ou de equipamentos sofisticados, é possível ter no próprio computador *byte* e *byte* de canções e de faixas musicais.

Por trás da rede P2P

Para salvaguardar os próprios arquivos de outros computadores por meio da rede P2P é preciso uma pitada de atenção. Frequentemente estes programas são um canal para a passagem de *spyware*, vírus, *bot* de controle. Além do mais, os arquivos de gravação do aplicativo P2P são facilmente identificados e lidos: os dados pessoais contidos tornam-se públicos. Não há risco em supor que deste modo muitos usuários são aliciados pela publicidade, pela violência, pela pornografia. Em setembro do ano passado, uma estatística revelava que cerca de 1 a 50 milhões de computadores tinham sido infectados pelo *trojan* e *worm* através do *eDonkey/Overnet*, um dos softwares mais divulgados pelo *P2P network*.

O passo é breve, do possuir ao compartilhar: graças aos programas P2P a música, os vídeos, os jogos divulgam-se capilarmente e a comunidade, que vive e vibra em uníssono, enriquece-se e se reforça, virtualiza-se e se concretiza. A difusão do P2P abre debates a respeito do conceito de legalidade percebido e vivido pelos mais jovens. Nos meninos e meninas, nos adolescentes e jovens, ávidos ouvintes de músicas, jogos, vídeos descarregados na Rede, verifica-se uma certa alteração da "percepção do crime"; minimiza-se o senso de gravidade do ato ilegal assim como o risco de serem descobertos e denunciados.

Segundo *Eurispes* e *Telefone Azul*, duas associações italianas de pesquisa, entre os adolescentes há aprovação da pirataria: 83,2% acham de pouca ou de nenhuma gravidade descarregar música da Internet. Os limites entre o que é lícito e o que não é lícito desaparecem, são incertos, facilmente ultrapassáveis.

Os direitos autorais existem. Então, é importante que como educadoras, formemos as jovens gerações. É uma questão não apenas legal de cumprimento da lei mas sobretudo ética, de respeito à "propriedade intelectual" do outro autor e criador de um produto seja ele musical, vídeo ou também multimídia.

A *RIAA* (*Recording Industry of América*) e a *MPAA* (*Motion Picture Association of América*) moveram uma ação legal contra os programas P2P acerca da violação dos direitos autorais. Contemporaneamente, lançaram uma campanha para requerer uma lei que proteja os fabricantes da aquisição da Rede e da divulgação de cópias ilegais de músicas e filmes.

Todavia, num mundo dominado pela informação e pelas tecnologias da comunicação, é indispensável educar para a expressão e a manifestação da vida, para a capacidade de manipular as informações, buscando formas de partilha que tornem o novo espaço-tempo digital da Rede o mais habitável possível.

mac@cgfma.org
srlmroces@cgfma.org

Diário no Second Life

De encontro a encontro, aqui estamos no final deste período de um ano da Revista DMA e, sobretudo, das nossas falas e incursões no mundo do SL. Não sei se algumas de vocês experimentaram entrar... não nos encontramos mas não perco a esperança um dia sequer, de encontrar uma ilha salesiana! Eis as recentíssimas notícias do SL a serviço do social. Pesquisadores e estudantes da Universidade de Arkansas abriram um hospital virtual no SL. Foi construído do nada, e tem salas cirúrgicas, quartos para os pacientes, laboratórios, farmácias, salas de espera, lojas, casas de banho. Mas também mobílias (chuveiros, lavatórios, cadeiras e leitos) e aparelhagens médicas (eletrocardiógrafos, monitor e máquinas portáteis para radiografias). Exatamente como num hospital real. Servirá aos universitários e aos docentes para fazer... experiências. Também o WWF chegou ao SL. A sua ilha chama-se *Conservation Island* e quer sensibilizar os visitantes sobre os problemas que o nosso planeta está vivendo e quais soluções são necessárias, da parte de todos, para salvá-lo. Para saber mais sobre este assunto, você poderá fazer uma turnê e comprar um sorvete de Mr. Tangee, o panda que administra o carrinho de sorvetes e fazê-lo explicar alguma coisa sobre a maior floresta do mundo. Existem ainda muito mais histórias, mas... talvez pudéssemos contá-las no Second Life. Tchau, Adelphie!



Diálogo contra toda violência

Palma Lionetti

23 de agosto de 2008, é noite quando, pouco tempo depois da notícia da morte do líder hindu Swami por um grupo terrorista maoísta, registra-se o primeiro ataque: duas religiosas da congregação do Preciosíssimo Sangue de Jesus Cristo, em Kothaguda, são detidas por um grupo de assaltantes que as fizeram descer do veículo, ao qual atearam fogo. Na manhã de *domingo 24 de agosto* começam os assaltos a diversas igrejas. É um prelúdio da escalada da violência no Estado de Orissa, no nordeste indiano, contra os cristãos. Embora também para a polícia eram evidentes os autores do assassinato de Swami, alguns chefes do Vnp logo atribuíram culpa e responsabilidade aos cristãos e durante as cerimônias fúnebres do guru milhares de radicais hindus iniciaram o *pogrom* com o grito "matai os cristãos! Destruí as suas instituições!".

Em 7 de setembro de 2008 também uma igreja anglicana foi incendiada no Madya Pradesh.

O porquê desta fúria contra pessoas e estruturas cristãs, está no fato de que os Tribais – frequentemente usados como escravos nos trabalhos agrícolas – e os Dalit, marginalizados pelas castas, vêem no cristianismo um caminho para melhorar a sua situação, firmar os seus direitos, encontrar finalmente a sua dignidade humana. Em um certo sentido, a perseguição é a medida da eficácia da missão cristã. Mesmo se, na oposição ao empenho dos cristãos, os fundamentalistas hindus se oponham frontalmente ao hinduísmo de Gandhi, que queria para a Índia um País leigo, aberto a todas as religiões, a eliminação das castas e a dignidade dos Dalit, por ele definidos "filhos de Deus" (*harijian*).

Mas, se para o governo de Orissa "a situação está sob controle", bem diferente é a percepção das autoridades religiosas, entre as quais também os representantes dos brâmanes, os sacerdotes hinduístas, que multiplicaram seus apelos pedindo a calma e o diálogo. Vigorosa mensagem dirigiu ao

País, Ir. Firmala Joshi, superiora das Missionárias da Caridade, em vista da festa da Beata Teresa de Calcutá, no último 5 de setembro: "Somos irmãos e irmãs uns dos outros, qualquer que seja a nossa religião, raça, cultura ou língua, ricos ou pobres. Nada nos deveria separar. Sobretudo, não usemos a religião para dividir-nos. A essência de todas as religiões é o amor, o amor a Deus e aos outros. A violência em nome da religião é um abuso da religião".

Mas o diálogo continua apesar da violência.

Em resposta ao *pogrom* contra os cristãos em Orissa, a diocese de Vasai celebrou a festa de Madre Teresa, em 5 de setembro último, dedicada ao diálogo inter-religioso. Uma memória que se realizou entre encontros com representantes de todas as religiões e um programa sobre o valor do diálogo nas escolas (onde se celebrava o Dia do Professor). Não obstante fechamentos e violências emergem, contudo, "fatos da vida" que testemunham um diálogo do povo e, como diria uma outra mulher empenhada em tecer relações e diálogo entre as religiões, Chiara Lubich, «*Queremos esperar que outros modos de diálogo - como o da caridade, do serviço comum, da oração, o diálogo teológico - venham a ser potenciados pelo "diálogo da vida". Não só: esperamos também que o perene problema de como as pessoas possam receber os progressos dos diálogos teológicos oficiais, seja superado por um povo ecumenicamente preparado*».

lpalma@email.it



estante **WWW**.sites

Anna Maria Mariani

Recomendação de sites interessantes

www.santegidio.com

É o Site oficial, em muitas línguas, da Comunidade de Santo Egídio, uma comunidade sem fronteiras e sem muros, nascida em Roma em 1968. Configura-se como uma comunidade eclesial, composta por leigos que escolhem viver o primado do Evangelho em um relacionamento privilegiado com os pobres, trabalham pela paz, pelo respeito aos direitos humanos e à diversidade das culturas e pelo diálogo inter-religioso. A amizade entre pessoas de cultura e nações diferentes é o modo cotidiano pelo qual se exprime esta fraternidade internacional que é ao mesmo tempo abertura ao mundo e pertença a uma única família, a dos discípulos. Em um mundo que exalta as fronteiras e as diferenças nacionais e culturais, a ponto de fazer delas motivo antigo e novo de conflito, as comunidades de Santo Egídio testemunham a existência de um destino comum não só para os cristãos, mas para todos. No site encontra-se a oração cotidiana da Comunidade, com a possibilidade de enviar as próprias intenções, notícias sobre iniciativas de solidariedade, encontros ecumênicos, diálogo, ajuda aos pobres e aos países pobres.

www.movimento-shalom.org

É o site em italiano, francês e inglês, do Movimento Shalom, uma organização não lucrativa (Onlus) leiga de inspiração católica. Graças à universalidade dos ideais que professa, reúne pessoas de diversas orientações políticas e religiosas. Participam das atividades do Movimento Shalom voluntários de todas as idades. Desde os grupos de estudo (os "Fabricantes da Paz"), formados por jovens e adultos, verdadeiros ginásios para a difusão da cultura da não-violência e do respeito, até as missões

humanitárias em várias partes do Mundo, para a programação e execução de projetos de vários tipos. Os lugares alcançados até agora são: Burkina Faso, Uganda, Sudão, Egito, Índia, Bangladesh, Brasil, Iraque, Bósnia, Iugoslávia, Romênia. Os ideais que animam os voluntários do Movimento são: a paz, a tolerância, a solidariedade com os mais pobres entre os pobres, mundialidade.

www.asianews.it

É um site que se propõe a registrar todo o leque de testemunho cristão na Ásia, minoritária, mas rica de idéias e ensinamentos para as Igrejas do resto do mundo.

Asianews on-line promove uma forma equilibrada de diálogo entre Oriente e Ocidente, dando espaço a experiências, análises econômicas, evidenciando a relação entre direitos humanos, liberdade religiosa, família, democracia e mercado. Respondendo ao apelo dos bispos da Ásia que pedem para ser ajudados a incluir e a maturar um empenho social e político inspirado na doutrina social da Igreja, asianews.it tem páginas especiais dedicadas à economia. Tem uma edição em língua chinesa, para o diálogo com o mundo da República Popular Chinesa, testemunhos e experiências pastorais para ajudar a formação de sacerdotes, religiosas, religiosos e leigos. Um outro setor específico de *asianews.it* é sobre o Islã, do qual registra não só a violência, mas também o desenvolvimento, a tentativa de diálogo e sua evolução.

comunicazione@fmairo.net



Vídeo

O caçador de pipas

Marc Forster – USA, 2008

“A partir do romance que conquistou o mundo, o filme mais esperado do ano” – exorta o cartaz que anunciou o seu lançamento. A voz da crítica difunde rapidamente um eco animador: “A história dos dois amigos afegãos que comoveu milhões de leitores, permanece fiel na tela”. História de crianças que se tornam homens, passando pela amizade, a traição e o seu resgate. O todo num Afeganistão que muda: do fim da monarquia à invasão russa, à chegada dos Talebãs. Um país que se desmorona, oprimido pela violência. Publicado em março de 2004 com uma primeira tiragem de 6.000 cópias esta estréia de Khaled Hosseini logo levantou vôo escalando as classificações de dezenas e dezenas de países. De modo que a Dreamwork de Steven Spielberg comprou seus direitos e decidiu fazer dele um filme. Não foi simples, porém. As manchetes nos informam que a retomada da fascinante reconstrução de Cabul – anos Setenta – é realizada rodando pela China, embora, claro, pelos territórios fronteiriços com o Afeganistão. Os jovens intérpretes afegãos, depois da retomada, correm o risco de ser punidos e mortos só por haver trabalhado com os americanos e devem deixar o País com medo da violência dos Talebãs. Mas isto não basta: fere como um punhal a decisão da Afghan filmes, instituição estatal que faz a censura dos filmes e lhes proíbe a saída. “Cabul sem o filme do best-seller – publicam aos quatro ventos as manchetes do mundo ocidental – mas será difícil deter os dvds clandestinos”. «É a minha voz para quem não tem voz...» conclui o autor, entrevistado depois da estréia do filme. E se diz confiante em que, apesar de tudo, também esta difusão cinematográfica possa contribuir para um futuro melhor, ao seu país e ao mundo.

Era uma vez no Afeganistão

É belíssima a história narrada. 1978: estamos em Cabul. Amir, órfão de mãe, é filho de Baba, um homem rico da etnia Pashtun. O seu melhor amigo é Hassan, filho do empregado da casa, pertencente à etnia inferior dos Hazara. Entre os dois tão diferentes pela história e pela classe social, anula-se toda distância. As competições com as pipas são o seu terreno comum: juntos são imbatíveis!

Permanecem inseparáveis até que um evento rompe este equilíbrio. Amir assiste em segredo ao estupro de Hassan punido por uma trinca de jovens ricos e racistas, porque, para proteger seu amigo e patrão, havia ousado desafiá-los. Paralisado pelo medo não intervém, escapa.

Um drama que condicionará o resto de sua vida e a de Hassan. Passam-se os anos, Amir foge do Afeganistão e refaz sua vida na América. Perdem-se as pegadas de Hassan. Até que um telefonema leva Amir de volta à pátria. Uma viagem à sua Terra, mas também para dentro de si mesmo. Expição de uma culpa, certamente, mas também retrato daquilo que o Afeganistão se tornou.

Um mundo brutal, sinistro, onde as mulheres não conhecem mais direitos. Onde a beleza se tornou um crime e as pipas não voam mais. Como avaliar esta “transposição cinematográfica”?

Quem leu o livro (cria dependência desde a primeira página pelo ritmo, força narrativa e profundidade) – poderia ficar desiludido com um filme sem dúvida belo, mas que não consegue transmitir a emoção complexa das páginas escritas. A versão cinematográfica é fiel e fascinante. Falta no entanto, a profundidade e o clima emocional ligado à história quase “autobiográfica” do seu autor. A crítica jornalística o declara como segue: «Equilíbrio e compromisso com o rigor cinematográfico. Fiel ao texto, mas com inteligência: expõe suas etapas importantes com feliz essencialidade, cuidando, sobretudo, para expressar mais o sentimento e os ambientes que o esquema livresco.

Com um final, talvez mais otimista do que o do autor literário, mas seja como for, com acentos que acabaram por comover. Evitando ao mesmo tempo o patético». (Gian Luigi Rondi). «Realizado em espírito de fidelidade ao *best-seller*, relembra com sensibilidade os dias quase impensados de uma amizade infantil traumaticamente destruída. E se o aventureiro regresso à pátria, que resgata o Amir adulto das culpas passadas, não é tão convincente, permanecem fortes a bela imagem paterna encarnada por Homayoun Ershadi e o esvoaçar livre e colorido das pipas em disputa nos céus de uma sugestiva Cabul, como era antes... do caos atual». (Alessandra Levatesi). Para concluir: «Trata-se sem dúvida de linguagens e códigos diferentes, observa o próprio Hosseini, presente à estréia. Mas eu estou contente. Também diante da tela sinto que: «É a minha voz para quem não tem voz».

Para fazer pensar

Sobre o filme

O valor e a redenção da amizade, contraposta à crueldade do regime talebã. “Em cada vida há amizades que não podem ser traídas. Não é verdade, como dizem muitos, que o passado pode ser enterrado. O passado agarra-se ao presente com os seus tentáculos...”

A expressão é de Amir, o protagonista. Os respectivos autores do livro/filme o fazem dizê-la numa das frases que ficam “célebres”, no seu retorno ao Afeganistão. Terra hostil nas mãos dos talebãs (muito diferente daquela vivida na sua infância), que se torna para Amir a ocasião de expiar o erro que o afastou do pequeno Hassan, seu empregado, mas sobretudo seu grande amigo. Fora da metáfora, Hosseini olha o Afeganistão a partir do recente passado com o olhar nostálgico “do exílio”. Sem disfarçar uma forte marca autobiográfica e resistindo à tentação de atenuar seus aspectos mais angulosos, re-elabora assim as suas experiências infantis e primárias: vamos pôr em causa e empurrar para um possível resgate o sentimento de culpa pelas escolhas pouco corajosas de um tempo que não pode ser esquecido.

O sonho do filme

«Existe um modo para voltar a ser bons (...) Espero que um dia a paz volte ao nosso país, e que se possa sentir novamente pelas ruas o perfume do chá...»

Na verdade, é este o sonho de “O caçador de pipas”. Na entrevista dada na Itália depois da estréia cinematográfica, Hosseini revela: “Quando estive no Afeganistão – recentemente, como enviado pela UNHCR, a agência das Nações Unidas para os Refugiados – encontrei os prófugos afegãos: pessoas que haviam retornado, mas não tinham uma casa. Não tinham assistência sanitária. Nenhum trabalho. Sobreviviam em total pobreza. As crianças não freqüentavam a escola, oprimidas ou vítimas, como... o filho de Hassan na história do livro e do filme.

Uma das coisas que mais me tocou é que estas pessoas não têm voz. Quem fala por estes refugiados afegãos? A oportunidade que me foi dada com o fato de que os meus romances agora podem ser lidos ou vistos pelo mundo inteiro, ajudou-me a formar a minha própria identidade. Deu-me uma direção, um objetivo: a possibilidade de ter acesso aos meios de comunicação para dar voz a estas pessoas que não têm voz. É como na caça das pipas: voam altíssimo e constituem valioso quadro estético para o público, mas valem também por simbolizar os inícios, os sonhos de liberdade e de ética aos quais todos somos chamados. Aos quais aspiramos. Pelos quais vale a pena combater.

Mariolina Parenteler



Estante vídeos

A ZONA

Rodrigo Plá - México/Espanha – 2008

Filme mexicano com muitos prêmios, estréia convincente e belo enredo de denúncias. É uma história sobre a tendência atual de garantir a segurança construindo muros. Diz o diretor: «Querida dar alarme a respeito de um modelo de vida que se difunde por toda parte». É a história de Alexandre, um adolescente abastado que vive num bairro rico e elegante da Cidade do México, a Zona, precisamente. Um bairro organizado como se fosse um forte de defesa, cercado por guardas e muros altos. Para além dos limites do fio de arame farpado está a miséria mais esquálida. No dia de seu aniversário três jovens favelados conseguem entrar na Zona, numa das casas. O assalto termina mal e morre uma senhora idosa. Dois dos jovens assaltantes são mortos enquanto tentam fugir. O terceiro, Miguel de 16 anos, consegue fugir e encontra refúgio exatamente na cantina de Alexandre que, descobrindo-o deve tomar uma difícil decisão. Quebrar a cadeia da desigualdade e do isolamento e declarar no seu gesto ‘gigantesco’ toda a esperança da obra. É o relato de um contínuo crescimento com pesados segredos a serem descobertos e contrastes a serem escolhidos: o ‘sobre’ e o ‘sob’ (a casa e a cantina; o rico e o pobre), o ‘dentro’ e o ‘fora’ (as favelas e o bairro residencial), a ‘luz’ e a ‘escuridão’ e os ‘grandes’ e os ‘pequenos’ (maus pais e maus policiais contra filhos que se deixam ao invés tocar por aquilo que é diferente, descobrindo-o como igual).

Tudo numa montagem veemente, vibrante, tensa que não pode deixar de tocar o espectador, na sua inteligência, considerado o alarme que lança sobre a relação perversa entre ansiedades de segurança que degeneram e faixas crescentes de pobreza, e no seu coração, pela relação de amizade entre os dois jovens: o rico e o ladrão perseguido pelas pessoas que já não reconhecem mais nem a lei nem a misericórdia. Muitos temas. A ansiedade de segurança que degenera em paranóia. A barreira entre ricos e pobres que se torna um muro. O ódio que explode entre quem tem tudo e quem nada tem. O outro, visto apenas como inimigo a ser abatido. O medo que desencadeia a violência mais cega. O grupo ameaçado que se transforma em bando.

LONGE DELA

Sarah Polley - Canadá – 2008

A Comissão de Avaliação Pastoral da CEI, assim escreve: «O filme é para ser utilizado e proposto em muitas circunstâncias a fim de veicular reflexões sobre o importante argumento que está no cerne da história».

O filme, estréia da diretora canadense Sarah Polley de apenas trinta anos, é inspirado na história *A Bear Came Over the Mountain*, da canadense Alice Munro (também os cenários), traduzido para a tela com delicadeza e perspicácia. “Relatar o Alzheimer com amor; Amor até o fim; O inverno desarmante de Julie Christie” sintetizam eficazmente os títulos centrais de algumas revisões jornalísticas.

Não é fácil falar de um dos males mais atuais e de suas conseqüências, sobre os relacionamentos humanos sem decair na tragédia ou no melodrama. Mas, não por acaso, são propriamente duas sensibilidades femininas (direção e cenário) a dar tridimensionalidade à protagonista da história: Fiona, interpretada pela brilhante Julie Christie. Bem casada com Grant há 50 anos, vivem uma existência feliz como idosos, no chalé canadense imerso na neve para onde se retiraram. Depois, de improviso, ela começa a esquecer palavras, objetos, coisas a serem feitas: é o implacável e irreversível mal de Alzheimer. Os cuidados amáveis do marido não são mais suficientes, recorre-se inevitavelmente à casa de repouso, à “ausência dela”, que se segue. Com uma inteligente dose de flash-back e efeitos aperfeiçoados, Sarha Polley consegue desenhar os frágeis e terríveis retratos da solidão da mente que nos abandona, a sua progressiva perda, a sua resistência a “desaparecer” com comovente essencialidade. «A intensidade da história, todavia – escreve a avaliação CEI – tem acentos, não de desespero, mas de sublimação do amor e dos sentimentos.

Comove e conquista lançando sinais de esperança, não com um fim em si mesma, mesmo na ausência de um claro horizonte de transcendência».

Mariolina Parenteler

Estante livros

O GRITO QUE VEM DO DESERTO

Michel Sabbah - Ed. Paulinas - 2008-10-29

Por limite de idade, terminou o mandato do governo do Patriarca latino de Jerusalém, Michel Sabbah, o primeiro Pastor de nacionalidade palestina, que guiou por vinte anos uma das dioceses mais difíceis, num período extremamente tormentoso e dramático. O volume que apresentamos, coleciona diversas intervenções em torno ao problema que já dura anos, da paz no Oriente Médio, por iniciativa do Movimento Pax Christi.

Cada capítulo é concebido como um apelo aflito que o patriarca dirige ao mundo, a partir daquele deserto sem esperança que parece ser a Terra Santa. Vez por vez responderá ao seu *grito*, uma voz *competente*, um testemunho da mesma realidade na qual se encontra o patriarca, ou simplesmente envolvido pelo argumento, com uma breve intervenção pessoal. Trata-se de 10 *personalidades* diferentes pela origem e pela formação, entre as quais: os italianos Tonio Dell’Olio (do Pax Christi) e Luisa Morgantini (vice-presidente do Parlamento europeu); palestinos cristãos (Rafiq Khoury) e palestinos muçulmanos (Mousa Darwish); a ativista de Israel para os direitos humanos Neta Golan.

Nomeado Patriarca de Jerusalém em 1987, apenas três dias depois do estouro da *intifada* (levante dos jovens palestinos), Michel Sabbah encontrou-se subitamente diante daquela trágica realidade.

«Sua calma, sua abertura – afirma o cardeal Martini – seu desejo de escuta e de aprendizagem e também sua capacidade de perdão fazem dele um testemunho cristão autêntico e luminoso nestes tempos obscuros». Às vezes nos perguntamos: é possível a paz na Terra Santa?

Lendo com atenção estas páginas sentimos confirmada a terrível complexidade da situação, de tal modo que para chegar a uma verdadeira paz no Oriente Médio muitas realidades políticas e religiosas

devem confrontar-se, não só Palestina e Israel, mas Síria, Líbano, Iraque, sem contar que, num mundo já totalmente globalizado, cada País acaba por ser envolvido.

O Patriarca de Jerusalém enfrenta o problema sem ser simplista e com clareza.

É possível achar a ponta do fio de uma meada tão emaranhada? Sim, basta remontar às verdadeiras origens de uma longa cadeia de violências. Trata-se de encarar duas questões de fundo: a primeira é a ocupação militar dos territórios palestinos pelos Israelenses. A segunda é a segurança de Israel, a recusa do mundo árabe de reconhecer o Estado de Israel.

A SOLIDÃO DOS NÚMEROS PRIMOS

Paolo Giordano – Mondadori – 2008

Alice tem sete anos e odeia a escola de esqui, mas seu pai a obriga a freqüentá-la. É uma manhã de denso nevoeiro, ela tem frio.

No topo do teleférico separa-se dos companheiros e decide descer ao vale sozinha, mas acidenta-se, quebrando uma perna. Fica só, incapaz de mover-se, no fundo de um canal cheio de neve.

Matias é um adolescente inteligente que tem uma irmã gêmea retardada, Michela. A constante presença da irmã humilha Matias perante seus coetâneos. Por isso, na primeira vez em que um dos colegas de classe convida a ambos para a sua festa, Matias decide deixar Michela no parque, com a promessa de que voltaria logo para apanhá-la, mas não mais a encontrou.

Estes dois episódios iniciais deixam uma marca profunda nas vidas de Alice e de Matias, adolescentes, jovens e por fim adultos. As suas existências, tão profundamente marcadas, acabam por se cruzar e os dois protagonistas se descobrem estreitamente unidos, mas invencivelmente divididos.

Como os números primos, divisíveis somente por um e por si mesmos, números «solitários e desconfiados», aos quais, talvez, «seria preferível ser outro número qualquer». Os percursos dos dois protagonistas se cruzam na escola que freqüentam. Construíram «uma amizade defeituosa e assimétrica, feita de longas ausências e de muito silêncio, um espaço vazio e limpo no qual ambos podiam voltar a respirar, quando as paredes da escola se faziam próximas demais para ignorar o senso de sufoco».

O autor maneja com maturidade e estilo uma matéria candente, densa de entrelaçamentos emocionais (os tormentos da adolescência, a solidão, a necessidade de ser aceitos, a violência na escola, mas também a culpa e a expiação). O livro parece terminar muito depressa, num estilo enxuto, mas o sucesso de Paolo Giordano é a descrição dos protagonistas que se segue às várias fases do crescimento, mergulhando-nos no seu mundo interior, sem ênfases, mas chamando cada emoção e sentimento com seu próprio nome.

*Adriana Nepi
Anna Rita Cristaino*



Eram apenas meninos a caminho

“Apenas os meninos estavam a caminho” é o romance escrito por Dave Eggers, uma biografia autorizada por um refugiado sudanês na América, um jovem cujo nome fala alto e no qual há uma total mistura das culturas cristã, muçulmana, africana, ocidental: Valentino Achak Deng. É um livro autobiográfico, mas talvez seja mais correto afirmar que o autor relata a história da guerra civil do Sudão através dos olhos de Valentino Achak Deng, através da sua desconcertante experiência. Muito

frágil, por isso, o limite entre a vida do protagonista e os acontecimentos da guerra; eles se identificam. Valentino Achak Deng parece querer-nos consigo. Seguimos, assim, a sua história enquanto, ainda menino, é obrigado a fugir de sua aldeia, Marial Bai, depois do enésimo massacre, provocado pelas milícias árabes a cavalo, os murahaleen, assassinos contratados pelo Governo central do Sudão para evacuar o sul do país, em cujo sub-solo, fora descoberto o ouro negro, o petróleo. Apropriar-se dele significa erradicar metade do país, matar seus habitantes, preparar o terreno para as sondas.

Depois de ter presenciado o massacre dos seus amigos, as casas incendiadas, a sua família dispersa e em fuga, Valentino Achak Deng começa a sua fuga, sem os familiares, sem esperança, com a idade de 6-8 anos, assustado, desnutrido, junto com centenas de meninos como ele. Achak põe-se a caminho juntamente com milhares de outros órfãos para onde, por pouco tempo, estará seguro. Anda criança, deixa não só a sua aldeia, mas também a loja do pai, o amarelo esplendente da longa veste da mãe, os jogos com os amigos e a irmã, os primeiros amores. Deixa para trás toda a sua vida.

Uma nova, insólita fase abre-se inesperadamente diante dele: “correr”. Achak nada sabe sobre a guerra civil que dilacera o seu país, o Sudão: pode somente escapar para salvar-se, e correr por dias e noites.

O longuíssimo caminho levará Valentino Achak Deng e seus companheiros, primeiro para a Etiópia, onde são perseguidos. Depois para o Quênia, a fim de compor o maior campo de prófugos da história: Kakuma. Dezenas de milhares de refugiados assistidos pelas Nações Unidas, entre os quais Achak, que vive em Kakuma por 10 longos anos, numa semi-existência com alimentação racionada e a esperança de uma verdadeira vida. Achak terá a possibilidade de estar entre os refugiados acolhidos pelos Estados Unidos e, do Quênia, ironia da sorte, vai de avião diretamente para Miami no dia 11 de setembro de 2001.

Pessoas, anos e lugares desfilam diante dos olhos de um menino, depois adolescente, depois jovem, como uma dança macabra, onde as bailarinas da primeira fila são os governos que se pavoneiam e os coadjuvantes são estes quatro mil meninos perdidos, judiados em toda parte, perseguidos, massacrados, devorados, mutilados.

As aventuras do protagonista, de sabor bíblico, o levam ao contato com soldados do governo, milicianos em estado selvagem, rebeldes, minas terrestres, hienas, leões, doenças, fome, sede e provações de todo tipo – mas também com uma série de histórias tão pungentes quanto inesperadas.

A fuga, a pé, da aldeia e do extermínio do povo Dinka, a longa marcha até a Etiópia para a busca da paz e de uma nova vida, milhares de meninos a caminho, os assim denominados “Meninos Perdidos”, aqueles que nada têm a não ser a força de caminhar e sonhar.

A biografia de Achak poderia ser definida como uma longa marcha da fome, do desespero, da doença, sob o constante risco de ataques, ou o igualmente perigoso recrutamento forçado dos rebeldes. Nas atrocidades e absurdos que cada guerra traz consigo, o autor cria também histórias de sobrevivências e de amizades, nas quais ainda há espaço para o amor adolescente e adulto.

O autor Dave Eggers põe bem evidência o genocídio e os conflitos no Sudão, a experiência sofrida e precária dos refugiados, os sonhos frustrados do povo Dinka e o terrível desafio que uma pessoa deve enfrentar quando o mundo inteiro parece desmoronar-se.

Mas o seu desconcertante romance - talvez possa parecer paradoxal - é também a história da confiança em tantas mãos que se estenderam para apoiar e ajudar, tanto na África no campo dos refugiados, como na América, com os “patrocinadores” e as organizações humanitárias. Mas, a confiança traída quando na América Valentino Achak Deng descobre a existência de uma nova guerra, o perigo de abrir a porta de casa aos desconhecidos, ou o desânimo ao entrar num hospital sem a cobertura do seguro.

A biografia de Achak é uma vida a ser lida e reconhecida para dar uma feição à existência de milhares de refugiados sem rosto e sem nome, vítimas de guerras frequentemente esquecidas, porque pouco “fotogênicas” e midiáticas.

Um Livro surpreendente, uma história tocante, terrível, mas com grande capacidade poética, na qual a personalidade de Dave Eggers coloca-se generosamente à parte para deixar campo aberto a Valentino Achak Deng e à sua história. Toda renda deste livro é destinada à Fundação dos “Meninos

Perdidos” e à instrução universitária de Achak; um jovem que, com a sua autobiografia desoladora, hoje está a serviço de uma causa e nada mais...

Emilia Di Massimo

NO PRÓXIMO NÚMERO

DOSSIÊ:	Ressonâncias do Capítulo
PRIMEIRO PLANO:	As mulheres na Palavra As mulheres que instruem o Mestre
EM BUSCA:	Cooperação e desenvolvimento Micro-Crédito e Micro-Economia
COMUNICAR:	Jovem.com Gerações Y e <i>Screen Generation</i>

Uma simples ciranda

Não sei se no “mundo pequeno” de hoje ainda se fala em ciranda. Agora também aprenderam a fazer isso os chamados grandes; e estou certa de que a fantasia dos pequenos já terá inventado alguns termos menos gastos, porém mais significativos para eles. Todavia continuo a chamar assim aquela brincadeira tão elementar quanto espontânea que une as crianças sem distinção hierárquica, em absoluta harmonia e partilha, caminhando ou saltando, acompanhadas por uma cantiga de roda.

Mas não tenho ainda claro sobre o que quero falar. Eu Camilla (com todos os títulos e atributos de competência) no jardimzinho de um condomínio, há alguns dias, voltando de uma demorada sessão de dentista (durou talvez vinte minutos, mas o tempo foi multiplicado pela minha “requintada sensibilidade”: não por nada os dentes estão tão próximos às orelhas, e também *sentem* mais do que é necessário) pude observar crianças de várias origens sociais e étnicas ligadas pelas mãos, girar em torno de um centro montado com marionetes e bonecos igualmente sortidos. Cantavam. O quê? Não cheguei a entender as palavras, mas pude perceber que, dois, um moreninho de cabelo crespo e uma menina de olhos amendoados com uma impertinente franginha pegando a metade esquerda da fronte, ensinavam uma cantiga aos demais. Não sei de que proveniência. Todos cantavam felizes com aquelas vozes infantis fundidas harmoniosamente, e olhavam com evidente complacência o “tesouro” que haviam colocado em comum. Talvez com a intenção de trocar entre si bonecas e brinquedos de pelúcia depois de ter-se... divertido com a sua cantiga. Eu teria gostado de permanecer para assistir à continuação da brincadeira. Mas bastaram-me aqueles poucos momentos para que a minha mente recomeçasse a maquirar pensamentos e considerações várias. Poupo para vocês a maior parte; mas, concedam-me um aparte. Por que não aprendemos também nós a deixar de lado preconceitos e cláusulas pré-concebidas para pôr em comum os tesouros da nossa tradição? Por que frequentemente nos privamos a priori da possibilidade de valorizar o que os outros nos propõem do patrimônio da própria cultura? Se soubéssemos apreciar o significado – antes mesmo que o alcance – das expressões religiosas e culturais que pessoas de outra proveniência nos apresentam, talvez pudéssemos contribuir notavelmente para colocar as primeiras pedras daquela “casa comum” à qual todos aspiramos, embora muito poucos se dediquem realmente a ela.

Como me sinto grande quando penso que, na pobreza dos meus recursos pessoais, eu posso colocar uma colher de cimento nessa construção! Podemos mobilizar-nos para promover a ciranda de um ideal aberto à simpatia e à acolhida?

É um convite de **Camilla**

Camilla.dma@gmail.com



Pensamentos

O estupor! Recomendo-vos o estupor:
a maravilha, como se descobríssemos
em cada coisa algo de novo...
Descobri e deixai que o espírito exulte de estupor.
(Paulo VI)

DIREITOS



**O DIREITO AO DESENVOLVIMENTO É UM
DIREITO UNIVERSAL E INALIENÁVEL.
PARTE INTEGRANTE DOS
DIREITOS HUMANOS FUNDAMENTAIS.**